ANO 14.º — LISBOA — SEXTA-FEIRA, 15 DE MARÇO DE 1935 — N.º 4425

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O MOVIMENTO turistico vai crescendo de ano para ano. Nós deixámos de pertencer aos paises ignorados, pois a curiosidade europeia virou-se para nós. Frequentemente ouvimos falar nos recursos que poderiamos aproveitar para atrair viajantes.

Quando chegará a hora das largas iniciativas?

Não nos embalemos com palavras. Quem diz turismo subentende estradas, hoteis, transportes, distracções, conforto e higiene. Que se requere para tudo isto? Dinheiro, gosto e organização inteligente. Para colher é necessario semear, dentro dum programa cuja execução não fique entregue aos improvisadores impacientes.

Os Estoris, Cascais, Sintra, Ericeira e Mafra—porta-estandartes de Lisboa—constituirão o eixo duma grande obra. Mas o plano tem de abranger todo Portugal — litoral e interior — desde Santa Luzia á Praia da Rocha, Ponta de Sagres e Monte Gordo. O trabalho parcelar, ás pinguinhas, em vez de tornar-se util e progressivo, virá a comprometer a solução do problema.

Pensem nisto os homens que, entre nós, são capazes de esmigalhar a rotina e desfazer o cepticismo, abrindo rasgados horizontes á velha terra dos navegantes, cheia de belezas, de monumentos e paisagens.

* * *

O GOVERNO português, numa merecida homenagem, acaba de condecorar duas das mais nobres e prestigiosas figuras da literatura e da aristocracia francesas.

Uma é a duquesa de Clermont Tonerre, do mais limpido sangue da França, figura luminosa da velha heraldica flôr-de-lisada, tipo literario que Paris admira e que, com o seu espirito, a sua elegancia e as suas amizades fervorosas, tem servido com intensa paixão o nosso país, como se fôsse a sua propria patria. O oficialato de Santiago, que o nosso governo acaba de lhe conceder, fica bem no peito gentil dessa alta senhora, sem duvida, um dos nomes mais prestigiosos das letras francesas.

Outra é a condessa de Chabrillon, presidente da secção literaria do admiravel Lyceum de Paris, distinguida com o oficialato de Cristo, a quem se deve, em grande parte, a recente penetração do pensamento português em França, e que além de admirar vivamente o nosso país, não perde ocasião de o exaltar e de o acarinhar em todas as manifestações lusiadas, que ali se produzem.

★ ★ ★

O ENGENHEIRO sr. J. Duarte Ferreira publicou agora uma brochura que contem a sua conferencia «Industria de Turismo», apresentada ha tempos no Congresso da U. N.

Trata-se de um trabalho de valor muito documentado, e servido por uteis elementos estatisticos.

Quando quisermos dos dois lados...

Ronald de Carvalho:

Apenas trocámos, tu em Paris e eu em Coimbra, o primeiro cumprimento de uma camaradagem que prometia ser grata a ambos nós—a ti, sobretudo pela cordial rosa-dos-ventos que te servia de coração e onde cada quadrante, como um iman, tanto carregava o metal de alto preço como as penas e coisas de nada. Agora, a morte que violentamente te cortou, a uma esquina do Rio e pela região inguinal, como se te quisesse simbolicamente sangrar, na fonte e raiz da vida, para o Brasil te beber, comodamente nos tira a tua "Ex.ª„ de chancelaria e a minha "Ex.ª„ de cerimonia. Que transcendente alivio! Estamos assim restituidos á rocha da linguagem, ao *principio* em que *era* o verbo e não havia no verbo a escamoteação hipocrita do singular pelo plural, essa dissolução do nosso interlocutor numa especie de multidão vaga e anonima, sem suporte nem trente—o *vós*. Como nos diálogos gregos e nos versiculos evangelicos: *eu—tu;* peito a peito.

Pois é verdade. Eu penso que tua morte pode dignamente festejar-se como oferenda ao altar brasileiro, e portanto como sacrificio em aras mais largas, no solo e no socalco do meu e teu altares—a lusitanidade. Embirro um pouco e abuso raramente destas palavras caudais que se constroem com *idade* e que quasi sempre velam a nossa morna preguiça de lhes esventrar o conteúdo. Além disso, Endovelico foi um Deus duvidoso e não passa de um taco de pedra guardado no Museu Etnológico. Mas, tu sabes, *Lusitania, lusitanidade, luso, lusiada, lusismo* são comodos inventos de Resende, Camões e de nós mesmos para nos entendermos sôbre um fundo que não é o teu Brasil nem o meu Portugal, mas a nossa origem e o nosso bloco, o sangue da lingua que falamos e o halo do bafo que expelimos. Fôsse esta coisa historicamente errada, que vitalmente é certa, como o ritmo das minhas arterias e a tua pulsação ainda quente no corpo espiritual do Brasil. Oh, as odiosas ressonanciaa involuntariamente retoricas das nossas verdades vivas!

Reparas que estas duas terras paralelas, cortadas no "sentido do Atlantico", como diria João de Barros, continuam a representar as rábulas de uma diferenciação que lhes não pede coisa alguma, porque está feita para sempre na medida em que todos os pares se sentem diferentes e unidos? A' hora em que a Europa e a própria America se esquecem das suas diversidades umas adentro do grupo Ocidente para gritarem—Alemanha! França! Inglaterra! Italia! e Estados Unidos! e Paraguai! — Portugal e Brasil gritam tambem *eu!* e *tu!*: não como nós o estamos fazendo aqui, para salvar na noite do nosso dialogo humano os timidos clarões de chamas que se procuram e tentam, mas para açular o vento que pode apagá-las ambas?

Até a quizília ortográfica — a questão da solta dos gritos — ajunta o seu desafino ao irritante dueto. E se ha unidade, amigo, que temos de zelar e manter na hora das alfandegas, essa é a da divina musica de que não nos podemos separar, nem os brasileiros suspicazes nem os portugueses vangloriosos, e que enche de grandeza surpreendida, nos instantes de retlexão, os proprios que supunham cantar ao desatio segundo gamas irredutiveis.

Se falo destas coisas á tua gentilissima sombra é que sou professor de português no estrangeiro e sinto e experimento quanto tizeste em vida para acabar com a rarefacção da nossa lingua na Europa. Nós, os lusitanos de cá, aceitamos quasi todos o prato pneumático e ai vivemos, parece, como peixe em redoma. Vocês, lusitanos da America, apesar de um pouco esquecidos dos companheiros de asfixia, tentam quebrar o vidro e começam a saber exigir atenção e audienc.a.

Pois se o português é aquilo que se diz em português, para serem estudados em França, ainda não foram dispensados do absurdo encôsto á Espanha, sob essa equivoca rubrica de um *hispanismo* que, defensavel em relação a um remoto passado paralelo entre as duas calotes da peninsula, não é hoje mais que eufemismo de uma regionalidade cultural acintosamente atribuida a Portugal e Brasil! Pois se quasi nos dão o galego como se tôsse o texto incorrupto da nossa lingua de civilização, procurada em Hamburgo para o comercio de longo curso e quasi estudada em segredo pelos missionarios protestantes como chave de captação nas selvas do teu Brasil e da nossa velha Africa! Sabes? As maquinas de escrever, no estrangeiro, oferecem um teclado português com o til em ponto morto — e explicam: "para usar sôbre o *n„ !* — o que fez dizer ao bom do agente meridional que o requisitou para mim: — *C'est le clavier portugais... de Paris.*

Eu sei que a França, a Inglaterra, e sobretudo essa Alemanha tão exteriormente imperial quanto intimamente compreensiva, mãi dos estudos romanicos e da curiosidade sem limites, estão dispostas a receber e ouvir a nossa mensagem em português, a tua voz carioca e o meu sotaque açoriano, sem que lhes importe essencialmente que tenhas muito que lhe dizer e eu pouco que adiantar. Eu dou por mim Antero; tu, consultado, darias o nosso comum Vieira, o teu Euclides da Cunha e mesmo, desde já, o teu Jorge de Lima. Mas a verdade é que não podemos deixar ás *élites* da Europa absorvente, da Europa orgulhosa das suas metrópoles do espirito, o cuidado de desfazer o equivoco da nossa estreita subordinação cultural ou mesmo da nossa inexistencia. Temos de vir aqui, á terra estranha, de braço dado e sem peguilhas em tôrno do *ph* e do *y*, clamar o nosso direito á comunidade dos que pensam, cada um com a voz que Deus lhe deu.

VITORINO NEMESIO

PALAVRAS do sr. dr. Martinho Nobre de Melo, ilustre embaixador de Portugal no Rio de Janeiro, acêrca da nomeação do sr. dr. Carlos Malheiro Dias para embaixador em Madrid e transmitidas ao jornal A Noite:

«Fazendo do seu maior escritor vivo uma das suas mais altas representações oficiais no estrangeiro, Portugal dá publico testemunho de que considera as letras e as artes o mais nobre e puro instrumento de expansão e aproximação do povos.

... ...

Filho de português e de brasileira, membro laureado das nossas duas Academias, homem de dois hemisferios — o europeu e o americano — entre os quais ardentemente repartiu a sua vida laboriosa, a sua «lebens-galoppade», Malheirc Dias é bem um luso-brasileiro da estirpe dos Vieiras, Gusmões e Andrades. A sua elevação a embaixador de Portugal resulta assim em espontanea homenagem de um governo inteligente á consanguinidade secular das duas patrias lusiadas, e em publica consagração da nossa aproximação pelo espirito, á qual o grande romancista, herdeiro incontestavel do ceptro d. Eça de Queiroz, o ensaista e o historiador, votou o melhor da sua pena e do seu verbo.

Por outro lado, que melhor honra podia ambicionar para si mesma a colonia portuguesa no Brasil do que esta brusca e oportuna ascensão daquele que era a sua figura mais representativa e que tantas vezes, mais que ninguem, em todos os tempos, foi — aos olhos da Patria distante — a sua expressão luminosa?».

★ ★ ★

QUANDO o rei do Sião, Chulalangkorn, esteve entre nós — como os tempos vôam e as lembranças se confundem!... — o rei D. Carlos, sabendo que um alto funcionario siamês fôra condenado á morte, resolveu intervir a favor dele pedindo ao seu hospede que lhe comutasse a pena. Escusamos de dizer que foi atendido.

Lá ao longe, em Bangkok, numa escura masmorra, o condenado deve ter recebido a grata noticia de que a cabeça não lhe seria cortada nem atirada ás aves de rapina, com inequivocas manifestações de alegria. Acaso soube ele alguma vez quem interveio a seu favor?

★ ★ ★

DURANTE o ano passado emigraram de Portugal cêrca de 7.500 portugueses, mil dos quais de idade inferior a 14 anos.

O Brasil continua a ser o nosso mercado de exportação de homens, cêrca de 5.000.

★ ★ ★

E' realiza, na Emissora Nacional, HOJE que, pelas 22 horas, se sob a regencia do maestro Frederico de Freitas, uma audição de musica do fono-filme português As pupilas do sr. Reitor. *Trata-se dum grande acontecimento de musica nacional, com o gosto dum* avant prémiére *do filme, que deve entusiasmar os senfilistas. Não se esqueçam: logo, ás 22 horas, regular o seu aparelho, no comprimento de onda da Emissora.*

A este numero do "Diario de Lisboa„ corresponde um suplemento literario de oito páginas

BOLSA DE LISBOA

15 de março
CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 6 1/2 °/° 1923			
convert. em 4 3/4 °/° 1934	1.104$00	1.104$00	1.105$00
Consolidado 5 1/2 °/° 19 3	1.059$00	1.058$00	1.060$00
» 4 1/2 °/° 1933	997$00	—	998$00
» 4 °/° 1934 »	924$00	924$00	924$50
Externo 3 °/° 1.ª Serie	1.568$00	1.566$00	1.570$00
» 3 °/° 2.ª	—	1.650$00	—
» 3 °/° 3.ª	—	1.575$00	—
Emp. 4 1/2 °/° 1912	—	—	2.200$00
» 6 1/2 °/° 1930-Consol	518$00	517$00	—
» 6 3/4 °/° 1930-Portos	513$00	513$00	514$00
» 6 °/° 1932	—	1.023$00	1.030$00
Acções			
Bancos			
Comercial de Lx. port	—	430$00	438$00
Lisboa & Açores »	—	383$00	393$00
Portugal »	—	—	1.075$00
Espirito Santo	—	605$00	610$00
C.as de Seguros			
Bonança	—	700$00	720$00
Fidelidade	—	—	—
Mundial	178$00	177$00	180$00
Nacional	—	—	780$00
Sagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.as diversas			
C. P. ordinarias	—	95$00	—
» » privilegiadas	—	—	—
Aguas de Lisboa, port.	—	—	—
Cerveja Estrela	—	238$00	241$00
Cimentos de Leiria	785$00	770$00	790$00
Credito Predial	26$20	26$00	26$50
Gaz e Electricidade	312$00	311$00	313$00
Navegação	—	—	—
Portugal e Colonias	68$00	68$00	68$30
Portuguesa de Pesca	—	195$00	200$00
» de Tabacos	410$00	409$00	410$00
Tabacos de Portugal	350$00	350$00	354$00
Tabaqueira	—	—	—
União Electrica Portug	—	185$00	—
Coloniais			
Assucar d'Angola	504$00	504$00	505$00
Busi-1.ª Emissão	—	40$10	40$50
» -2.ª »	—	38$50	—
Ilha do Principe	185$00	182$00	190$00
Obrigações			
C. P. 6 o/o	526$00	523$00	526$00
Prediaes 6 o/o-1932 1.ª	—	91$00	—
7 o/o	124$00	123$50	124$50
U. Electrica Port. 7 1/2		—	130$00
Busi 6 o/o.	—	—	120$00

Henrique de Barros Gomes
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 69

CAMBIOS

CHEQUES SOBRE	Compra	Venda
Londres	110$00	110$50
Paris	1$52,0	1$52,2
Madrid	3$14 9	3$15,3
New-York	23$01,5	23$04,7
Zurich	7$46 7	7$47,7
Roma	1$91,6	1$91,8
Bruxelas	5$37,6	5$38,3
Amsterdão	15$59,7	15$61 8
Berlim	9$26 7	9$27 9
Praga	$96,8	$96 9
Rio de Janeiro	1$44,6	1$45,5
Libra ouro		—

Roupas perdidas

Dilar da Costa Marques, costureira, que trabalha dia e noite por estar seu marido desempregado na quinto meses e ter dois filhos a sustentar, perdeu hoje, de São Tomé ao Rossio, num carro electrico, aproximadamente as 11 horas, um embrulho com um vestido castanho de crépe da China e uma blusa de seda preta tudo ainda em prova e que ia levar a freguesa. A' consciencia de quem encontrou o referido embrulho se confia o favor de entregar no nosso jornal ou na residencia da infeliz costureira, que fica de o pagar e que mora no largo de S. Salvador, 7, loja.

Sindicato Nacional dos Jornalistas

Os socios do Sindicato Nacional dos Jornalistas, que em virtude do decreto-lei n.º 24006 têm direito a carteira e ainda a não receberam, devem enviar urgentemente ao secretario geral do sindicato a indicação da sua filiação, data do nascimento, naturalidade, categoria profissional, vencimento e morada.

Gremio Lirico Português

Amanhã realiza-se nos salões do Gremio Lirico o habitual chá-concerto dos sabados, sempre elegantemente concorridos, estando organizado um belo programa de concerto.

Asilo Antonio Feliciano de Castilho

No proximo domingo comemora-se o 47.º aniversario do Asilo-Escola Antonio Feliciano de Castilho, havendo, por esse motivo, sessão solene, ás 15 horas, naquele prestantissimo estabelecimento de assistencia e ensino.

SORTES GRANDES
Só a casa COSTA LIDA as vende
75 = Rua de S. Paulo = 77

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

Não ha hoje espectaculo no Apolo para se efectuar, esta noite, a completa remodelação da revista *Zé dos Pacatos* que amanhã reaparece na sua nova forma, enriquecida do novo quadro de Alberto Barbosa, José Galhardo, Vasco Santana e Xavier de Magalhães.

— Por noticias telegraficas sabemos que a companhia Maria Matos se despediu do publico de Elvas com uma casa completamente esgotada e que ontem lhe sucedeu outro tanto, na sua estreia em Extremoz, onde realiza hoje o ultimo espectaculo.

—Não eêm nenhuma confirmação as noticias ultimamente vindas a lume acêrca de Luiza Satanela, que até ao presente não tomou qualquer compromisso teatral que a prenda a determinada empresa.

— Estreou-se ontem, no Carlos Alberto, do Porto, uma companhia de variedades com um ilusionista de reputação.

— O empresario brasileiro Jardel Jercolis fechou contrato para voltar a Buenos Aires com a sua companhia no proximo mês de agosto, com um vantajoso contrato.

— Já restabelecido, retomou ontem a sua situação no Apolo, o actor-empresario Rafael Marques, que esteve doente durante três dias.

— Não se confirma a noticia da constituição de uma companhia com Alves da Cunha e Ester Leão para uma «tournée» ao Brasil, visto que esta já se não efectua.

—No teatro da Michodiére, em Paris, fez-se com grande exito a reposição da celebre peça «La Prisionniére».

— Não é só por ser um espectaculo de encanto, de alegria, novidade que o publico está preferindo *O Porto Moderno* que se apresenta hoje no Coliseu, em duas sessões; é tambem porque está prestes a deixar a cena, visto encontrar-se já na sua ultima semana de representações.

—Atendendo ao grande exito, mantem-se ainda em cena no teatro Nacional, a opera comica «O Solar dos Barrigas» e a revista «Ondas Curtas».

"Paganini"

O Odeon enriqueceu o seu programa desta semana com dois filmes que se podem considerar de fundo. *Paganini* é um espectaculo musical, opereta que apesar de ter feito o seu tempo ainda se vê com agrado, tanto mais que a versão cinematografica lhe dá mais extensão ao entrecho. A musica de Franz Lehar ouve-se com dobrado encanto. Não morre. E' galante, fresca, capitosa, e bem caracteristicamente vienense.

Shirley Temple tem o encanto de ser representado por uma garotinha de seis anos. Uma garotinha cheia de inocencia e de frescura, cuja alma e jogo fisionomico não foram estragados pelo realizador. A obra é como a sua interprete, um mimo de graça, radiante de beleza, que nos comove e enternece, através duma intriga minuscula, que se vê com satisfação.—*A.*

"Historia dum condenado"

Na proxima segunda-feira, o Central Cinema apresenta o admiravel filme passional «Historia dum Condenado», com a famosa vedeta Merle Oberon e John Garrick. Trata-se duma brilhante realização de Bernard Vorhans sôbre a vida dum jovem compositor, que se evadira dum presidio e que, depois, é julgado morto.

No dia da sua estreia, na Opera de Paris, o director da colonia penal reconhece-o...

O desfecho, como toda a acção, densa de interêsse irresistivel, não deixará, por certo, de apaixonar o publico pela consecução de todo o seu desenrolar.

Actualidades

Nos estudios de British, em Elstree, o pequeno Hollywood europeu, a actividade cinematografica nunca foi tão acentuada.

Presentemente, realizam-se três grandes produções: *Drake, A vida de boémia* e *Vinte cinco anos de reinado*, o filme do jubileu; preparando-se já *O convite á valsa*, onde a encantadora Lilian Harvey fará um papel semelhante ao do *Congresso que dansa*, o seu ultimo trabalho antes de reentrar para a U. F. A.

— O proximo programa do Condes compõe-se do filme de fundo *O corcunda*, realização de René Stin com Robert Vidalin e Josseline Gael.

—Max Schmeling, antigo campeão do mundo, de box, vai entrar numa nova pelicula intitulada *Uma rapariga e um rapaz*.

— Pola Negri vai ser a principal interprete de *Mazurka*, realização de Willy Forst.

— A idéa dos produtores de pegar nos antigos exitos mudos e filmá-los de novo dialogados, faz escola. Agora, anunciam, para breve, a filmagem de *Miguel Strogoff*, fazendo Yvan Mosjoukine o seu antigo papel.

— No domingo o Royal exibe *A imperatriz vermelha*, com Marléne Dietrich, uma super-produçã Paramount.

—A celebre cantora Lily Pons foi contratada por uma firma americana para tomar parte no desempenho de quatro filmes, o primeiro dos quais se intitula «Love Song».

Morte subita

No cais do Sodré morreu hoje subitamente o carroceiro José Alves, de 40 anos. O cadaver foi removido para a morgue.

SUFRAGIOS

Duque de Cadaval

A sr. duquesa de Cadaval manda celebrar amanhã pelas 12 horas, na igreja do Sacramento, solenes exequias por alma de seu filho, o sr. duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira de Melo.

D. Isabel Maria Pancada Silveira

Comemorando o primeiro aniversario do fallecimento da sr.ª D. Isabel Maria Pancada Silveira, reza-se amanhã, ao meio dia, uma missa, na igreja de S. Domingos altar de S. José.

Estudos Pedagogicos

Sob a presidencia do sr. dr. Ferreira de Mira secretariado pelos srs. dr. Leopoldino de Almeida e Lacerda Ferreira, realizou-se a 5.ª sessão de trabalhos do ano lectivo corrente, da Sociedade de Estudos Pedagogicos, tendo sido discutido pelos srs. drs. Gaspar Machado e José Boléo um trabalho do sr. dr. Macedo Mendes, sobre o ensino da Historia.

Na proxima quarta-feira prosseguirá a discussão do mesmo trabalho e será feita pelo sr. dr. Bento Caraça uma conferencia sobre a «Escola laica».

CONFERENCIAS

O tenente-coronel brasileiro sr. F. Jaguaribe de Matos realisa, hoje, as 21 e 30 horas, na sala Algarve da Sociedade de Geografia, uma conferencia subordinada ao interessante tema: «De Colombo ao general Rondon—As lendas geograficas e a verdadeira configuração da America do Sul e especialmente do Brasil».

Festa associativa

Promete ter excepcional brilhantismo o baile que uma comissão de socios do Club Desportivo da Companhia Industrial de Portugal e Colonias, leva a efeito hoje, no salão do gimnasio do mesmo clube, rua Jardim do Tabaco n.º 60, 2.º.

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do [illegible], 115

CAFÉ-RESTAURANTE «CHIC»
Reabriu inteiramente remodelado.
Serviço á carta. Prato do dia escolhido e abundante
Sextas feiras—Bacalhau a «Chic».

Defenda o seu cabelo não lhe aplicando drogas de origem duvidosa e de efeitos pouco seguros.
Use **RUTHER** o melhor tonico biologico para os cabelos.
A' venda na **Farmacia Portugal**, Rua Augusta, 216

AMANHÃ
estreia na remodelação da revista do
APOLO
Zé dos Pacatos
do novo quadro por toda a companhia
RAFAEL MARQUES
A GRANDE FITA

Teatro Nacional
HOJE A's 21,30 em ponto HOJE
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
da linda opereta em 3 actos
O Solar dos Barrigas
Palmira Bastos
na sua grande criação na «MANUELA»
A PEDIDO
repete-se ainda esta noite a revistinha em 1 acto e 4 quadros
ONDAS CURTAS
com FRANCIS
Ruth Walden e toda a Companhia
Terça-feira, 19, *ás 5 horas da tarde*
Matinée
O SOLAR DOS BARRIGAS

O CENTRAL estreia hoje o sensacional documentario
LISBOA-RIO
relato minucioso dos preparativos, descolagem e desastre sucedido, ontem, aos aviadores Carlos Bleck e tenente Costa Macedo.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ TELEF. 27172
VIVA VILLA!
com **Wallace Beery**
A's 21 e 30

CENTRAL Telef. 2 4381
Milionaria por um dia
Realização de Capra com May Robson
A's 21 e 30

CONDES TELEF. 225 3
Cavalheiros de industria
com Raimu e Lucien Baroux
A's 21 e 30

ODEON Telef. 26 83
Paganini
A's 21 e 15 musica de **Franz Lehar** com Ivan De rovitch

PALACIO
Baby Take a bow
com **Shirley Temple**
A's 21 e 30 Telef 47163

POLITEAMA Telef. 2 6305
Não sou um anjo
com **Mae West**
Segunda lua de mel
um filme classico da Paramount
A's 21 e 30

PARIS Tel. 2 8777 Soirée às 8 e 45
Escandalos Romanos
Sombras de Paris
Matinées as 5 ^as sab e dom. as 3 h.

CAPITOLIO
Mademoiselle Zázá
Audacia que redime
Bilhetes a 1$60

TERRASSE O inimigo publico n.º 1
Às 21 e 15 Telef. 20917 Quem vai á guerra...

LYS Telef. 4 8560
O inimigo publico n.º 1
ás 21 e 15 **Os dois inseparaveis**

EUROPA ás 21 TEL. P. 4 6961
Noites Moscovitas
Alegria no Paraiso

JARDIM CINEMA ás 20 e 45
Noites Moscovitas
Levado á força

DESPORTES

Foi anulado o Porto-Belenenses

Fez-se justiça ao Belenenses. No entanto, no caso presente, mais que o Belenenses, estava em jogo, a propria causa desportiva e a aplicação das leis do «foot-ball».

O Conselho Tecnico da Federação, constituido pelos srs. Ribeiro dos Reis, Augusto Pedroso e João de Brito, reuniu ontem, como estava anunciado. . . .

Assistiram á sessão os directores da Federação srs. Cruz Filipe, Virgilio Paula, Maia Loureiro e Linhares de Campos.

O arbitro, sr. Antonio Palhinhas, compareceu tambem, apesar dos boatos postos a correr em contrario.

Ante-ontem, afirmámos convictamente que o jogo não podia ser anulado, á face das regras e da moral desportiva.

De facto, o Conselho Tecnico, depois de ouvir largamente o arbitro, emitiu o seu parecer, votando pela anulação do encontro F. C. do Porto-Belenenses, baseando esse parecer em treze considerandos.

O parecer dos tecnicos é um documento bem elaborado no qual ressalta nitidamente as ilegalidades que perturbaram o encontro.

Falta, agora, apenas uma coisa—que a direcção da Federação sancione o parecer emitido pelo seu Conselho Tecnico. Mas isso não passa duma formalidade—mera praxe.

O Conselho Tecnico «é de parecer que o encontro não foi dirigido nesta emergencia com a regularidade que era para desejar, e, para prestigio do jogo e para bem da disciplina, e para evitar um precedente de perigosas consequencias, entende que o encontro deve ser anulado».

Votaram a favor da anulação os srs. Ribeiro dos Reis e Augusto Pedrosa, e, contra, o sr. João de Brito, que assinou vencido.

O sr. Augusto Pedrosa apresentou a seguinte declaração de voto:

«Aprovo o parecer do conselho tecnico, com a seguinte declaração de voto: estou convencido que o incidente que originou o protesto, pelo que conheço do caracter e conhecimentos do arbitro, só póde existir por uma lamentavel infelicidade a que todos estão sujeitos e ainda pelo estado de espirito do sr. Antonio Palhinhas, esgotado pelo esforço dos movimentados 88 minutos, e pela propria responsabilidade do jogo».

A decisão do Conselho Tecnico não pode deixar de ser recebida com jubilo por quantos colocam acima de tudo a idéa desportiva.

O proprio F. C. do Porto, certamente, saberá receber com aprumo e serenidade a decisão dos tecnicos.

E assim, o proprio encontro F. C. do Porto-Belenenses transformar-se-á numa grande jornada do «foot-ball» português.

Luta no Ateneu

Na prova de luta realizada este mês, no Ateneu Comercial, inter-socios, apuraram-se os seguintes vencedores:

Hermenegildo Pires Catita, minimos; José Carqueija, levissimos; Augusto Costa, meio-leves; Anibal Ponce, leves; Alberto Jardim, médios; Martins da Costa, meios-pesados; e José Maria da Silva, pesados.

«Basket-ball»

A Associação de Basket-Ball marcou para domingo os seguintes encontros:

Em Campolide: Internacional-Lisboa Ginasio; Carnide-Sporting; Barreirense-União.

Em Campo de Ourique: Ateneu-Benfica e Carnide-Sporting.

No Calvario: Casa Pia-Campo de Ourique; Casa Pia-Carcavelinhos; e Casa Pia-Campo de Ourique.

Em Pedrouços: Pedrouços-Operario; União Fabril-Maria Pia; Matadouro-Marvilense.

Grupo Tauromaquico Sector 1

O Grupo Tauromaquico Sector 1 festeja no proximo domingo, 17, o 1.º aniversario da sua nova séde, que durante o dia estará exposta ao publico. Na vespera, sabado, 16, haverá festa, com uma palestra do sr. Americo Marinho, que defenderá a festa brava, filmes do aficionado João Colares Pereira, variedades e baile.

ESPERANTO

No proximo dia 17, pelas 15 horas, realiza-se na séde da Sociedade Esperantista Operaria «Antauen», rua da Costa ,124, 1.º, uma pequena festa comemorativa do 3.º aniversario daquela sociedade.

Constará de recitações e declamações em esperanto e português.

Automoveis sem chauffeur
Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

Um novo pronto socorro

do Automovel Club de Portugal

O pronto socorro do Automovel Club de Portugal

O Automovel Club de Portugal, prestigiosa instituição a quem o automobilismo e o turismo nacionais tanto devem, acaba, por intermedio da sua Comissão de Turismo, de dotar os seus serviços de assistencia em estrada com uma nova viatura de pronto socorro, hoje inaugurada e que, equipada com a mais recente aparelhagem americana, garante a maxima eficiencia, demonstrada já em rigorosas experiencias a que foi submetida.

Este melhoramento deve-se, sobretudo, ao director sr. José Augusto dos Santos, que se tem interessado e trabalhado incansavelmente na organização dos serviços de turismo.

O A. C. P., cujos serviços, neste genero, rivalizam, se não superam, os dos seus congeneros estrangeiros, fica contando, no seu activo, com três automoveis de pronto-socorro—um em Lisboa, outro no Porto e outro em Evora—o que assegura aos seus associados a mais rapida e eficaz assistencia em casos de «panne» ou desastre.

VIDA CULTURAL

E' hoje ás 21 e 30 horas que o sr. José de Bragança realiza nas salas da S. N. B. A. rua Barata Salgueiro, a sua 5.ª lição do curso de Historia de Arte, subordinada ao tema: «Arte Grega».

Amanhã á mesma hora, na praça Luiz de Camões, 46, 2.º, onde funcionam os «Estudos Sociais Economicos e Literarios», fará o sr. dr. Domingos Monteiro a sua anunciada lição sobre «A contribuição de Roma na civilização europeia».

Baile na Faculdade de Medicina

E' já na proxima segunda-feira que termina o prazo para requisição de bilhetes para o baile dos Estudantes de Medicina, a favor da Caixa de Auxilio a estudantes pobres, e dedicado aos professores da Faculdade.

Colaboram nesta festa as srs.as D. Alice Oeiras, D. Conchita Ulia, o actor brasileiro Procopio Ferreira, o jornalista Joracy Camargo e o maestro Frederico de Freitas.

Concurso de cegadas

Na Academia Filarmonica Verdi realiza-se amanhã um concurso de cégadas com 3 valiosos premios.

Pede-nos a comissão promotora que informemos as pessoas interessadas de que só serão aceitas as cegadas que tiverem o visto da Censura e da Inspecção Geral dos Espectaculos.

MUSICA

Orfeão do Gremio Lirico

No Gremio Lirico Português, realizou-se com grande concorrencia, a reunião preparatoria para a formação do orfeão, tendo o maestro Pedro de Freitas Branco, que presidiu, explicado a finalidade do empreendimento e a parte artistica que está reservada ao orfeão nas realizações que o Gremio vai iniciar brevemente sob a sua direcção. Já estão inscritos mais de cem senhoras e cavalheiros, entre os quais as principais figuras do mundo lirico, artistas consagrados e notaveis amadores de canto.

Os ensaios são dirigidos pelo professor maestro Francesco Codivilla, sendo o primeiro para as senhoras, na segunda-feira, ás 21 e 30, e, para os homens, na terça-feira, á mesma hora.

A inscrição continua aberta.

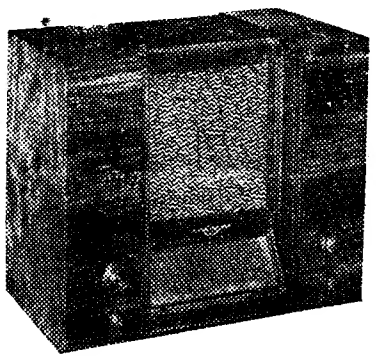
Concerto Ofelia Freire

A distinta professora D. Ofelia Freire está preparando um notavel programa para o seu concerto que se realiza no proximo dia 27 nos salões do Gremio Lirico.

Liga dos Combatentes

Realiza-se no proximo dia 29, ás 16 horas, no teatro S. Luiz, a festa que, por motivo do falecimento da mãi da sr.ª D. Maria Teixeira, sua organizadora artistica, fôra adiada para data a anunciar oportunamente, e cuja receita se destina á Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

SCHAUB RADIO



O magestoso receptor para todas as ondas com escala em português e todos os aperfeiçoamentos da tecnica moderna

Som incomparavel

c. continua 2.980$00

Esc. 2.880$00

c. alterna

OLAVO CRUZ, L.DA

LISBOA **PORTO**

Av. da Liberdade, 11, r/c. R. Sampaio Bruno, 12, 1.º

TRIBUNAIS

Supremo Tribunal de Justiça

Na ultima sessão foram julgados os seguintes processos:

Recurso crime: — 24132 — Relator o conselheiro A. Aragão. Autos crimes vindos da Relação de Coimbra. Recorrente: João Marques Pinto. Recorrido: Ministerio Publico. — NEGADO.

Revistas civeis e comerciais: — 48661 — Relator o conselheiro J. Soares. Autos civeis vindos da Relação do Porto. Recorrente: Rosa Leocadia de Bourbon Sampaio. Recorridos: Francisco Inacio da Cunha Guimarães, sua mulher e outros. — NEGADO.

48784 — Relator o conselheiro Amaral Pereira. Autos comerciais vindos da Relação de Lourenço Marques. Recorrente: Agencia de Recrutamento de Indigenas. Recorrida: Companhia do Boror. — NEGADO.

48771 — Relator o conselheiro Ponces de Carvalho. Autos comerciais vindos da Relação de Lisboa. Recorrente: Sociedade Duarte osé Moreira Rato & Comp. Recorrida: Izabel Soares dos Reis Betencourt. — ADIADO.

Agravos civeis: — 48877 — Relator o conselheiro Osorio de Castro. Autos civeis de agravo vindos da Relação de Lisboa. 1.º agravante: Joaquim da Silva Aguas. 2.º agravante: José Joaquim Aguas. — NEGADO AO 1.º E PROVIDO, EM PARTE, AO 2.º.

48923 — Relator o conselheiro Amaral Pereira. Autos civeis de agravo vindos da Relação do Porto. Agravante: Ministerio Publico. Agravados: Chefe das 2.ª, 3.ª e 4.ª secções da 6.ª vara Judicial do Porto. — PROVIDO.

Conflitos de Jurisdição: — 48922 — Relator o conselheiro Osorio de Castro. Autos civeis de conflito negativo de jurisdição, suscitado entre o Tribunal Especial criado pelo Decreto n.º 13.589 de 12 de maio de 1927 e o Juizo de Direito da Comarca de Montijo. Requerente: O Delegado do Procurador da Republica na Comarca de Montijo. — MANDADAS OUVIR AS AUTORIDADES.

24098 — Relator o conselheiro A. Aragão. Autos crimes de conflito negativ de jurisdição suscitado entre o Delegado do Procurador da Republica na Comarca de Tomar e o da Camara de Santarem para julgamento de Aureliano Rodrigues Araujo. Requerente: Delegado do Procurador da Republica na Comarca de Tomar. — JULGADO COMPETENTE O JUIZO DE SANTAREM.

Incidentes: — 48635 — Relator o conselheiro J. Soares. Autos comerciais vindos da Relação de Lisboa. 1.º recorrente: Sociedade Avenida Parque. 2.º recorrente: Pavilhão Português, L.ª. — DESATENDIDO.

24062 — (sobre imposto de Justiça) — Relator o conselheiro Campos. Autos crimes vindos da Relação de Lisboa. Recorrentes: Joaquim Pratas e outros. Recorrido: Antonio Saraiva de Oliveira Baptista. — ATENDIDO.

Gazofilacio Presbiteriano

Realiza-se hoje, ás 21 horas, no templo da Igreja Evangelica Presbiteriana Portuguesa, rua de S. Bento, 636, a segunda sessão festiva do movimento chamado «Mês do Gazofilácio». Haverá canto coral e uma conferencia pelo presbitero sr. Roberto Canuto.

Entrada franca

RUTHER—Estimula o **bulbo piloso**, facilita o crescimento do cabelo, e faz aparecer cabelos novos.

A' venda na **Drogaria de José Moreira**—Avenida Conde Valbom, 89-B.

Doentes, anémicos e convalescentes!

ATENÇÃO!

RECUPERAI O APETITE, A SAUDE E A ALEGRIA DE VIVER, BEBENDO

VAT (quinado tinto) | a Esc. 14$50 a garrafa de litro
VIG (quinado branco) |

EXCELENTES APERITIVOS TONICOS, PREPARADOS COM **VINHO DO PORTO** VELHO, E MUITO RECOMENDADOS PELA **Ex.ma CLASSE MEDICA.**

SÃO PRODUCTOS DA

REAL COMPANHIA VINICOLA DO NORTE DE PORTUGAL

(Fornecedora da Presidencia da Republica)

ENCONTRAM-SE A' VENDA NAS BOAS CASAS E NA FILIAL DE LISBOA

RUA DO ALECRIM, 119

TEL. 2 2556

RADIO EUROPA
REPARAÇÕES
T. S. F.
O LABORATORIO
mais completo do pais
R. Augusta, 75, 1.º—LISBOA

A Cidade

Hotel Miramar
MONTE ESTORIL
Hotel Costa. Cintra

A "SEMANA DA BONDADE"

Uma festa escolar ao ar livre

Prosseguiram hoje na Escola Central n.º 1 as cerimonias oficiais da «Semana da Bondade», tendo havido ás 11 e 30 uma festa infantil ao ar livre, que constou de varios numeros de canto coral e recitações Antes, tinham os alunos, em numero aproximado a 300, feito continencia á bandeira,

Terminado o festival, ao qual assistiu, além do director da escola, todo o corpo docente e algumas familias dos alunos, realizou-se a inauguração dos novos serviços da cantina da Sociedade de Assistencia Escolar Eugenio de Castro Rodrigues, que ha 4 anos vem fornecendo aos alunos da escola n.º 1 uniformes e refeições diarias quentes.

A Cantina passará, de hoje em diante, a socorrer diariamente com uma refeição quente, não só os alunos necessitados da Escola n.º 1, mas ainda os alunos pobres das escolas n.º 28, 42 e 79 da 1.ª Zona Escolar de Lisboa, num total aproximado de 400 crianças.

Amanhã, ultimo dia da celebração, as crianças distribuirão uma refeição a um grupo de pobres.

Um grupo de alunas do Liceu de Maria Amalia Vaz de Carvalho, acompanhado pela professora sr.ª D. Maria Luiza de Palma Lami, visitou o Asilo-Escola Antonio Feliciano de Castilho. Recebidas pela direcção, percorreram todas as dependencias do Asilo-Escola, detendo-se em algumas das aulas de musica, onde ouviram trechos executados por alunas e alunos. A' saida, as alunas entregaram o donativo de 251$60, produto de uma subscrição promovida entre elas.

—A Associação Popular de Beneficencia de S. Cristovão e S. Lourenço, com séde na Costa do Castelo, 23, colabora nas celebrações da Semana da Bondade com um interessante programa, do qual constam a distribuição no proximo domingo, ás 13 horas, pelas crianças suas protegidas, de milho aos pombos do Rossio e da praça do Comercio.

No mesmo dia, ás 15 e 30, será servido um jantar a todos os pequenitos que a Associação protege e a 25 pobres da freguesia

—Como se tem anunciado, é hoje, ás 21 e 30, que o sr. dr. Avelino Cunhal realiza, na Universidaode Popular Portuguesa, rua Luiz Derouet, para comemoração da «Semana da Bondade», uma conferencia subordinada ao tema «Bondade ou Solidariedade?». Entrada livre.

—O sr. Jaime de Balsemão, presidente da Liga Nacional de Defesa dos Animais, realiza hoje, ás 22 horas, no Radio Club Português, uma palestra sobre «Animais», incluida no programa da «Semana da Bondade».

Casamentos de principes

STOCOLMO, 15—Foi oficialmente anunciado que está justo o casamento da princesa Ingrid, filha unica do principe real Gustavo Adolfo e da princesa Margarida de Inglaterra, com Frederico, principe real da Dinamarca e Islandia. A data do consorcio não foi ainda fixada. A princesa Ingrid nasceu em 1910 e o principe em 1899.—(Havas)

ROMA, 15.—Anuncia-se oficialmente o casamento do ex-infante D. João de Bourbon, filho dos ex-reis de Espanha, com a princesa Maria de Bourbon, de 24 anos de idade, filha dos condes de Caserta.—(United Press).

O "Joseph-le-Brix,,

já aterrou em França

PARIS, 15. — O avião «Joseph-le-Brix», pilotado pelos aviadores franceses Codos e Rossi, que partira da Cidade da Praia (Cabo Verde) ontem ao meio dia e trinta e cinco minutos, aterrou hoje em Barc (França) ás 13 e 35, cobrindo a distancia de 11 mil quilometros num vôo directo de 25 horas. — (Havas).

A GARRETT Largo do Chiado, 9 e 11
Almoços completos de 12 e 16 Escudos
Jantares completos de 15 e 18 Escudos

NA TELA DA DISCUSSÃO

O valor intrinseco do escudo

e a sua situação em face da libra

O «Jornal do Comercio e das Colonias» refere-se hoje, em dois artigos, a um problema da maior actualidade ou seja o valor intrinseco do escudo e a sua situação em face da libra, procurando responder ás opiniões que o «Diario de Noticias» emitiu ha dias, num artigo que causou viva sensação. Por nos parecer interessante, transcrevemos daquele nosso colega um dos artigos que mais directamente atacam o problema:

«Admira-se alguem, em artigo publicado no «Diario de Noticias», que o escudo continue ligado á libra e assim vá seguindo a sua rota de forçada desvalorização.

Examinemos o motivo ou motivos que o levam, ao que parece, a discordar da politica seguida.

Em primeiro lugar, defrontamos com um caso psicologico: a tendencia que existe em todos nós em confundir situação interna com situação externa.

Entre as duas existe, é certo, uma certa relação mas estão, contudo, longe de andar «par e passo» uma com a outra.

Portugal vive neste momento dificil para todo o mundo uma vida administrativa e economica que já começa a ser inveja das outras nações á medida que o conhecimento da obra realizada se vai propalando lá fora em contraste frisante com a situação de cada país.

Internamente, mercê da grande reforma administrativa que se produziu — reforma mais de moralidade que de sangrias mortais — não ha duvida que o escudo é olhado com confiança pelo seu possuidor.

Mas analisemos a situação externa, isto é, a nossa balança de pagamento com o estrangeiro.

Portugal ainda hoje é um país que importa cêrca de quatro vezes mais do valor das mercadorias que exporta.

E ainda estas são exportadas em condições tão tristes que, durante os anos de 1933-34, devem ter ficado congeladas no Brasil cêrca de £ 500.00. de mercadorias que para lá foram e cujo produto não se sabe — dizem-nó-lo os organismos oficiais do Brasil — quando nos será pago.

Para compensar esta opressiva e esmagadora, para País de tão pequenos recursos, diferença de balança visivel nós devemos ter uma balança indivisivel fortemente favoravel.

Não há, infelizmente, em Portugal estatisticas que nos permitam avaliar qual a extensão desta balança.

Produto de economias de nossa emigração, turismo, colonias como as de Macau, India, Moçambique cujo comercio favoravel é feito em grande escala com o estrangeiro nos trazem um constante fluxo de ouro, rendimentos de capitais colocados no estrangeiro e, ultimamente, repatriamento destes capitais e aqui está uma relação da situação interna com a externa —devem-nos dar uma forte compensação para o deficit da balança comercial.

Mas não nos iludamos.

As reservas ouro do Banco de Portugal têm aumentado principalmente com desentesouração do ouro arrecadado desconfiadamente por esse País fóra e que, o preço atractivo e o renovamento da confiança teem trazido para a luz do dia, ou melhor, para as caves do Banco.

Porque a balança total de pagamentos continua-nos a ser desfavoravel e muito desfavoravel.

Portugal é um país deficitiario, e sê-lo-á por muito tempo ainda, nas suas relações com o estrangeiro.

A melhor prova disto é que o Banco de Portugal ou o Estado precisam de fornecer coberturas, isto é, no fundo têm de exportar ouro, para balançar as necessidades cambiais do País.

O segundo ponto que influencia o signatario do artigo é o de que ele traz um aumento de custo da vida.

Tendo nós em menos de quatro anos desvalorizado em cerca de 70 0/0 a nossa moeda influiu isso sensivelmente no custo da vida?

Em globo o custo da vida neste mesmo periodo de tempo deve ter aumentado em cêrca de 5 a 10 por cento. Se verificarmos que em muitos artigos, e mercê de bem merecidas represalias aduaneiras, os direitos sôbre importações têm tido grandes aumentos; se verificarmos que muitos artigos que encareceram são artigos genuinamente portugueses em que não existe sombra de interferencia estrangeira, como nos agricolas; se verificarmos que muitos artigos, principalmente materias primas têm tido uma tendencia mundial a subir do valor que não cobria as despesas de exploração e em que a crise os lançara, somos forçados a chegar á conclusão que a desvalorização da moeda práticamente não atingiu o consumidor ou, pelo menos, atingiu-o tão pouco que bem merece o sacrificio.

A razão de resto é simples:

Talvez mais de 60 por cento do nosso comercio de importação faz-se com países que igualmente desvalorizaram a sua moeda nas mesmas proporções; os restantes foram obrigados a acompanhar os preços mundiais para não perderem os seus mercados o que, de resto, não conseguiram totalmente, pois a verdade é que esses países têm hoje uma tendencia para ficarem isolados comercialmente do resto do mundo, e que só conseguirão evitar se adoptarem a mesma política, o que sem sombra de duvida hão-de acabar por fazer.

Contra o pequeno sacrificio, em que vai muito de vaidade e pouco de realidade— havemos de confessar que a nossa situação mesmo interna ainda está longe da da Inglaterra—digo, contra o pequeno sacrificio que fazemos temos tido a vantagem de conservar quasi intacta a nossa exportação que hoje estaria reduzida a farrapos se a libra estivesse, digamos, a 60$00.

Por outro lado a necessidade de defender a nossa industria, sempre periclitante, e que hoje já não se poderá defender com novas barreiras alafndegarias, porque as represalias se não fariam esperar, e que cairia como castelo de cartas se se pudessem comprar libras a 60$00 e dolares a 16$00, a necessidade de defesa dos nossos produtos coloniais, açucar, milho, algodão, etc., merecem bem um pequeno sacrificio da nossa parte, principalmente quando este é feito mais ao nosso orgulho de país de prosperidade recente, de país novo-rico.»

Confraternização de aviadores

Um almoço em honra do tenente-coronel brasileiro Mendes de Morais

Realizou-se hoje um almoço em honra do tenente-coronel da aviação brasileira sr. Mendes de Morais, tendo assistido os srs. brigadeiro Silveira e Castro, director da arma de aeronautica, coroneis Anibal de Passos e Sousa, Arrobas Machado e Cilka Duarte, tenentes coroneis João Luiz de Moura, Esmeraldo de Carvalhais e Luiz da Cunha e Almeida, majores Antonio Maia, Pinheiro Correia, Carlos Cunha Almeida, Sousa Lobo, Sergio da Silva, capitão Luiz de Sant'Ana, tenentes Eduardo Proença e Reis Temudo.

Ao «champagne» trocaram-se afectuosas saudações entre as duas aviações, brasileira e portuguesa.

No São Luiz: O grande exito da temporada
VIVA VILLA! com WALLACE BEERY
Um filme sem igual na historia do cinema

A venda de fruta em Lisboa

O seu preço exorbitante não permitiu que ela fôsse hoje levantada no Mercado Abastecedor

No dia 7 do mês findo entrou em vigor, como noticiámos, a nova postura camararia referente ao Mercado Abastecedor de Frutas.

E hoje terminou o periodo de quinze dias durante os quais não se aplicaram sanções, dando tempo a que todos se integrassem nas disposições pelas quais se pretende conseguir que Lisboa comece a comer fruta boa, em melhores condições do que até aqui e com «mandatarios» responsaveis. E assim o compreendeu a maioria de proprietarios e mandatarios, apresentando a fruta bem calibrada e enrolada em papeis proprios.

Aconteceu, porem, que parte da fruta não foi hoje levantada devido ao preço exorbitante que uma minoria de mandatarios pediu por ela. Pelos cabazes pequenos, que antes custavam de 17$50 a 20$00, pediram hoje 40$00 e 50$00; e pelos grandes, cujo preço não ia além de 30$00 e 40$00, exigiram hoje 80$00 e 100$00.

Segundo informações que nos foram dadas, esta elevação de preços não representa a condenação da referida postura camararia, mas sim uma inadaptação inicial, restos de interesses criados.

O caso é que os mandatarios revendedores faziam até aqui o seu negocio sem terem de notificar ao proprietario da fruta o preço que por ela obtinham. Agora, a nova postura obriga ao sistema de recibos triplicados, pelos quais têm de revelar aos proprietarios o preço por que vendem a fruta e os nomes dos seus compradores e a estes os nomes dos proprietarios.

Acreditamos, de boa fé, que os mandatarios não tenham duvida na aceitação das senhas triplicadas, e que todos acabem por trabalhar dentro das condições da nova postura. Quem não pode nem deve ser prejudicado é o publico consumidor, comendo fruta em más condições ou tendo de a pagar por preços elevados ou mesmo deixando de a comer, como aconteceria se o caso de hoje se repetisse.

E nem os proprietarios e mandatarios ganhariam com uma resistencia, na qual não acreditamos, mas que teria como natural consequencia a inutilização da fruta não retirada, se ela antes não fosse mandada entregar á Assistencia Publica, para ser distribuida pelos asilos e casas de beneficencia, evitando assim a sua perda total.

Retalhistas de vinhos de Setubal

Uma comissão de cerca de 500 retalhistas de vinhos de Setubal, acompanhada pela direcção da Associação Comercial daquela cidade e pelo deputado sr. Joaquim Lança, esteve ontem na presidencia do ministerio, no ministerio do Interior e na Camara Corporativa, a entregar uma representação aprovada ontem numa assembleia magna daquela colectividade.

Pedem os comissionados, nesse documento, que seja prorrogado o prazo para o pagamento do imposto de consumo sobre vinhos e derivados, por forma a que sejam préviamente julgadas as reclamações antes de a comissão administrativa que vier a nomear-se para a Camara Municipal se pronunciar sôbre o problema; que seja sancionada a distribuição proposta pelo delegado da Associação Comercial e que, em qualquer hipotese, seja mantida a faculdade de os contribuintes satisfazerem o imposto em prestações de modo a suavizar-lhes uma situação devéras pesada.

A mesma comissão manifestou ao sr. ministro do Interior a sua solidariedade com o sr. dr. Antonio Manuel Gamito, que pediu ha pouco a demissão do lugar de governador civil de Setubal, e entregou áquele membro do Governo uma representação no mesmo sentido dos sindicatos operarios daquele distrito.

Os novos navios de guerra

O sr. vice-almirante Sarmento Saavedra comandante geral da Armada, foi hoje, pelas 14 e 30, a bordo do novo aviso de 1.ª classe «Afonso de Albuquerque», visitar o navio e retribuir os cumprimentos do seu comandante.

Depois de percorrer todas as instalações da nova unidade, que muito o interessaram, o sr. vice-almirante Saavedra retirou-se, salvando o navio e formando a guarda ao portaló, em continencia.

Dr. Adriano Burguete
Mudou o Consultorio para a Avenida da Liberdade, 13.
T. 24673 (consultas ás 12 e ás 16)

A Cidade

Bebam a famosa
CANA IMPERIAL
á venda nos Cafés, Bars, Restaurantes, etc.
DEPOSITARIOS:
A. L. Simões & Pina L.ta — Rua das Flores, 22
Tel. 2 1850

A Policia não acredita

na nova versão

do crime da rua dos Douradores

Como se noticiou, o chefe Antonio Augusto, da P. I. C., recebeu ha dias uma carta anonima em que se denunciava como autor do crime chamado da rua dos Douradores, de que foi vitima, em 1933, o negociante de joias Alberto Brandão, um individuo de nome conhecido na Policia.

Porque o caso, a ser verdadeiro, interessava, procurámos hoje, no Torel, o aludido chefe para que ele nos informasse do que havia a tal respeito.

Antonio Augusto declarou logo de entrada que não pensa em fazer novas investigações acêrca do crime.

—As investigações foram feitas na devida altura—disse—e estou convencido de que não ha motivo para as modificar. O autor do crime, em meu entender, foi o Artur da Silva Rolão que, como é sabido, se matou nos calabouços do Torel.

—Não crê então na denuncia da carta?

—Não creio. Deve tratar-se de brincadeira de mau gosto, tanto mais que o seu autor ainda não se decidiu a vir aqui pessoalmente confirmar com provas a revelação feita sob o anonimato.

E a acerca do suicida Rolão:

—Estou convencido de que foi ele o assassino, posto que Rolão não o tivesse confessado nem eu possa provar juridicamente a sua culpabilidade.

—No entanto, a hipotese da existencia de um cumplice seria de aceitar... As joias, o dinheiro, e a carteira da vitima nunca mais apareceram...

—Sim. Essa hipotese aceito-a e ainda não a puz de parte de maneira definitiva, porque as investigações policiais, para nós, não acabam com o encerramento dos processos.

Lembramos que o advogado sr. dr. Luiz Varela Cid, a quem estava confiada a defesa de Julio Damião, acusado de ter gisado o plano da morte do negociante de joias, declarou hoje na Imprensa ter o tribunal dado como não provado que o Artur Rolão, fosse o autor material do crime e que o seu constituinte fosse o autor do tal plano de assalto.

—Li essa declaração—disse o chefe Antonio Augusto—mas parece-me que o tribunal não podia ter tomado qualquer deliberação acêrca do Rolão, visto ele estar morto.

«O que o tribunal fez, foi absolver o Julio Damião, visto que se o tivesse de condenar, teria de lhe aplicar 28 anos de prisão. Como as provas não eram grandes, os magistrados na duvida preferiram absolvê-lo.

—Não procura descobrir o autor da carta?

—Para quê?! Não passa duma brincadeira, e nós temos tanto que fazer...

O PORTO pelo telefone

Visita dos deputados franceses

PORTO, 15

Chegaram ás 13 horas os deputados franceses que foram recebidos na escadaria do Palacio da Bolsa pela direcção da Associação Comercial, consul de França, directores do Gremio de Exportadores e do Instituto dos Vinhos do Porto, e representantes doutros organismos economicos. Depois visitaram as dependencias do Palacio, merecendo-lhes especial atenção o Salão Arabe.

Seguidamente, realizou-se o almoço, que foi presidido pelo sr. Antonio Calem, presidente da Associação Comercial, ladeado pelo consul de França e pelo deputado Pierre Mortier, presidente do Comité Parlamentar Franco-Português.

Aos brindes falaram varios oradores dos dois países, que aludiram á aproximação dos mercados luso-franceses e á fraternidade existente entre os dois paises. Terminado o almôço dirigiram-se a Gaia, em visita aos armazens de vinhos. A' noite, no Club Portuense, em honra dos nossos visitantes, será oferecido um banquete.

Amanhã, ás 9 e 30, seguem, em combio especial, em visita á região do Douro.

O desafio Porto-Belenenses

A direcção da Federação Portuguesa de Foot-ball reune-se no proximo domingo, ás 10 e 30, para apreciar o parecer do respectivo conselho tecnico acêrca do desafio Belenenses-Foot-ball Club do Porto.

A TENTATIVA AEREA LISBOA-RIO

Carlos Bleck afirmou-nos hoje

que nem por sombras admite a hipotese duma sabotagem

A viagem não se poderá tentar antes do mês de maio

Foi enorme, em todo o país, como no Brasil, o desgosto produzido pelo acidente que ontem evitou a largada do avião «Salazar» para o Rio de Janeiro e que só por milagre não provocou a destruição do aparelho e a perda de algumas vidas.

Passado o desespero das primeiras horas, todos quantos, deste e do outro lado do Atlantico, acompanham com entusiasmo esta famosa tentativa—que o mesmo é dizer todos os portugueses e todos os brasileiros—procuram saber o que se vai passar. Que os dois bravos pilotos tencionam partir logo que o avião esteja reparado, já todos sabem, como todos sabem que o Governo dará todas as facilidades necessarias e se empenha ardentemente pela realização e pelo êxito da viagem. Mas tornava-se necessario informar os nossos leitores, não só do estado de espirito dos dois pilotos do «Salazar», mas das possibilidades de repetição da tentativa de descolagem e da epoca provavel desta.

Isso nos levou hoje a casa de Carlos Eduardo Bleck, na avenida da Republica, num andar alto, como alto é o seu sonho, momentaneamente impossibilitado de realizar-se.

O primeiro aviador civil diplomado em Portugal recebeu-nos na sua salinha modesta iluminada pelos sorrisos fotográficos das suas filhinhas. Uma dessas fotografias—lembramo-nos muito bem, estava reproduzida na parte exterior da carlinga do «Jorge de Castilho» em que Bleck, com Humberto da Cruz, foi a Angola e voltou. Um retrato da mulher, fotografias que recordam os seus «raids» e os doutros aviadores, especialmente Mollison e Amy Johnson, um «cliché» desta com o dono da casa, pistolas e outras armas antigas, um desenho de Francisco Valença publicado no «Sempre Fixe» e alguns artigos de jornais emmoldurados, completam a ornamentação do compartimento, onde se vê no chão o páraquedas que o aviador envergou ontem. E em cima duma secretaria as mensagens e outros documentos que o «Salazar» devia transportar ao Brasil—e transportará se Deus quizer.

—Chegou a falar-se em sabotagem? Acredita?

Uma resposta rápida, quasi indignada:

—Nem pensar nisso! Não admito sequer tal hipotese! Porque só admiti-la seria caso para endoidecermos. De resto, o acidente que sofremos está perfeitamente explicado.

—Como?—preguntámos, para que todos compreendam bem o que já ontem transmitimos aos leitores, através das declarações dos dois pilotos, junto do aparelho avariado e no Secretariado da Propaganda Nacional.

—O avião pôs-se em marcha. E depois de andarmos uns 50 metros, começou a virar para a direita. Não constituiu isso uma surpresa para nós. Muitos aviões têm uma determinada tendencia, como, de resto, numerosos automoveis. Na fabrica logo nos avisaram disso, pois na corrida Londres-Melbourne Mollison e Amy Johnson tiveram ocasião de o verificar.

—E qual foi o conselho que lhes déram?

—Este, simplesmente: quando o aparelho iniciasse o desvio para a direita, corrigir a direcção, puxando o leme para a esquerda; se isso não fosse o suficiente, parar o motor esquerdo; e se tal não bastasse ainda, reduzir os dois motores e voltar ao principio. Foi o que aconteceu—e foi o que Costa Macedo fez. O que não podia, porém, prever-se era que a roda esquerda se coltasse, provocando as avarias que o avião sofreu.

—Mas a quebra da roda esquerda foi anterior ou posterior á redução dos dois motores?

—Deve ter sido quasi simultanea. As opiniões dos assistentes divergém, pois ha muitos que afirmam que viram a roda desprender-se do aparelho antes deste fazer o angulo de 90 graus da segunda derrapagem.

—Mas a roda soltou-se por causa da derrapagem, ou da redução dos motores?

—Indubitavelmente por causa da derrapagem. E se não fôra Costa Macedo ter reduzido os motores, registariamos uma catastrofe que não só destruiria o aparelho, mas teria custado as nossas vidas e talvez as doutras pessoas que assistiam á nossa partida. Em casos desta natureza, a explosão é quasi certa—e pódem calcular-se as suas consequencias. Devido á falta de vento e á perda de terreno ocasionada pela primeira derrapagem e pela consequente redução do motor esquerdo, é indubitável que o que nos restava de pista era insuficiente para a descolagem.

«Costa Macedo tinha, pois, de escolher entre reduzir os motores e voltar atrás, ou «estampar» o avião na vala ou contra os automoveis e a assistencia, com as consequencias que é facil prever. Fez, pois, a unica coisa que podia fazer, como piloto consciente que é.

—Foram hoje a Sintra?

—Eu não. Foi lá o Costa Macedo que já me telefonou de lá. Examinou demoradamente o avião, e disse-me que as avarias não são tão grandes como a principio se supôs. Em todo o caso, só o engenheiro inglês Hopkins, da casa De Havilland, que chega amanhã á tarde, no «Sud», poderá dizer, com segurança, quais são os estragos e quanto tempo demorará a reparação.

—Em todo o caso, quais são as avarias que o tenente Costa Macedo já poude verificar?

—Além do trem de aterragem, estão inutilizadas as hélices. A parte esquerda da asa está quebrada e é muito natural que os motores estejam danificados nas combotas.

—A reparação póde ser feita em Portugal?

—O engenheiro o dirá, mas nós estamos convencidos de que não. Trata-se dum avião especial, duma construção delicada, e só na fabrica têm não só o material mas as ferramentas indispensaveis. Tendo de ir para Inglaterra—certamente num barco—gastar-se-á cerca dum mês, só na embalagem e no transporte. De modo que antes de maio não podemos pensar em repetir a nossa tentativa.

—Tentarão largar de Sintra?

—Claro. Mas com a condição de que haja vento. Com a calma pôdre que havia ontem, não seria prudente repetir a tentativa.

—E não poderão realizar o vôo noutro avião?

—Tal hipotese é irrealizavel. São os «Comet», indiscutivelmente, os aparelhos indicados para estas viagens. E só ha 3 actualmente: o que ganhou a corrida Londres-Australia, tripulado por Scott e Campbell, que pertence ao Governo inglês o que o Governo francês comprou para Mermoz tentar realizar a mesma aspiração que nós temos; e o «Salazar». Por encomenda do Governo francês está-se construindo outro, mas ainda falta muito para o concluir. Já vê... Temos de esperar. A paciencia é uma qualidade indispensavel, para se ser aviador.

VIDA PARLAMENTAR

A Assembleia Nacional

discute a proposta

relativa aos orgânismos militares

A's 15 horas, com a assistencia de 73 deputados, realizou-se a sessão da Assembleia Nacional para continuação das propostas relativas aos organismos superiores do Exercito e ao Conselho de Defesa Nacional e apreciação do projecto acêrca da criação de asilos agricolas.

Depois da leitura do expediente, o sr. presidente deu conhecimento á Assembleia dum pedido de autorização para o sr. capitão Henrique Galvão depôr como testemunha num julgamento em Lisboa. Como aquele deputado declarasse não haver inconveniente nisso, foi concedida a autorização solicitada.

O sr. dr. Garcia Pulido pediu a palavra para insistir pela resposta ao pedido de informações ha tempos apresentado acêrca das penalidades aplicadas aos moageiros e falsificadores.

Entrando a seguir na ordem do dia, subiu primeiro á tribuna o sr. coronel Fernando Borges que, depois de saudar o presidente, exaltou o orador da proposta, dizendo que ela assegura a nossa existencia como nação livre, já bastantes vezes secular.

Declarou entender que a proposta em discussão representa um complemento da proposta ha dias aprovada acêrca da reconstituição economica do país.

Usou depois da palavra o sr. major-aviador Alfredo Sintra, que se referiu ao papel especial da Aviação em face da proposta em discussão, dizendo que ela não reconiza um comando unico para a quinta arma, hoje reconhecida como absolutamente necessario para a sua eficiencia militar.

Terminou por dizer que as suas palavras visavam a esclarecer uma proposta assinada por todos os deputados militares, que o sr. general Schiappa de Azevedo enviará para a mesa, na devida altura.

Falou depois o sr. major Cortês Lobão que, afirmando estar convencido de que os reparos feitos pelos outros deputados que se ocuparam da proposta, serão atendidos, declarou que dará o seu voto á proposta, visto o satisfazer inteiramente.

Subiu em seguida á tribuna o sr. dr. Vasco Borges, que se declarou, como português, partidario apaixonado das instituições militares do país.

Depois de exaltar em termos calorosos o papel do nosso Exercito, encareceu a obra do sr. ministro das Finanças.

Referindo-se á função do militar no nosso país, afirmou que ao ministerio da Instrução compete providenciar por forma a criar uma mocidade capaz de servir no Exercito.

O orador defendeu uma estreita colaboração entre os ministerios da Instrução e da Guerra, para conseguir aquele fim.

Fez depois referencia ao papel da educação fisica na educação da mocidade e aludiu ao espirito da juventude, afirmando:

— E' preciso estabelecer nas escolas, desde a primaria á universitaria, a intolerancia pró-patria.

E a seguir:

— E' preciso que das escolas portuguesas saiam cidadãos cem por cento portugueses.

E, após ter produzido a afirmação de que é preciso iniciar a revolução no ministerio da Instrução, disse o sr. dr. Vasco Borges que tambem a revolução é precisa no ministerio da Guerra:

— E' preciso que tudo se transforme, inclusivé a mentalidade.

Com energia acrescentou:

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

O Porto Moderno

e as ultimas noites deste sensacional espectáculo no

Coliseu

Hoje: duas sessões. Domingo: ultima Matinée

Aonde ir esta esta noite, senão ao Coliseu, vêr o Porto Moderno que está dando ns suas ultimas representações e que se despede ainda esta semana de todo o publico?! Porque é inutil procurar espectaculo moderno, vivo, atraente, pela graça, pelo colorido, pelo movimento e pelo cunho essencialmente modernista com que se apresenta, como esse interessantissimo quadro novo, que está na moda, que toda a gente vai vêr e cujos numeros são frenéticamente aplaudidos, até ser bisados e trisados. O Homem que tudo perdeu, A Padeira de Avintes e a Peixeira de Lisboa, o Vinho do Porto, os bailados excentricos, acrobaticos, fantasistas e de salão, o simulacro de um match de foot-ball num curiosissimo bailado, os novos fados e outras tantas maravilhas fazem do Coliseu o centro de atracção da população lisboeta. Nem admira! Se este é dos melhores e dos mais baratos espectaculos de todos os tempos! Domingo: ultima Matinée.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«O Solar dos Barrigas».
Gimnasio—A's 21 e 30.—«Deus lhe pague».
Variedades—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Nobre Povo».
Coliseu—A's 20 e 30 e 22 e 45—«O Fim do Mundo».

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Central—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 30.
Condes—A's 21 e 15.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 2.
Chiado Terrasse—A's 21 e 1
Capitolio—A's 21
Royal-Cine—A's 21 e 15.
Palacio—A's 21 e 30.
Odéon—A's 21 e 15.
Jardim Cinema-21 e 30-Av. Alvares Cabral.
Paris Cinema—20,45—R. Domingos Sequeira.
Eden-Cinema—R. do Alvito, a Alcantara.
Salão Ideal—Rua do Loreto.
Belem-Jardim—A's 21.

No CAFE-RESTAURANTE «CHIC» ha os melhores mariscos e cerveja, como a que melhor se tira nos estabelecimentos congeneres.

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Rosine Perestrelo de Matos Cabral, D. Maria da Conceição de La Cerda Falcão do Amaral, D. Maria José de Sequeira Pacheco de Melo e Niza, D. Berta de Sousa Rego Sobral, D. Maria do Pilar Verda de Almeida, D. Anete Amzalak, D. Eduarda Hicking Ivens de Carvalho, D. Eugenia Franco Frazão (Penha Garcia), D. Maria Antonia de Salvatti (Zileri Dal Verme), D. Maria Luiza Seixas Palma, D. Maria Cristina Seabra de Melo Campelo, D. Julia Candida Pereira Dias e D. Izabel Geraldes Velho Preto Pacheco.

RUTHER—pelo seu aspecto agradavel, pelo seu perfume suave, pelas suas magnificas propriedades antisepticas e revigorantes é o tonico que o cabelo de V. Ex.ª necessita. Não se deixe envelhecer, cuide dos seus cabelos.

A' venda na **Drogaria Açoreana, de Ferreira & Ferreira, L.ª.** Rua da Prata, 99, 101.

PUBLICAÇÕES

O semanario «X»

Todas as quintas-feiras aparece o «X», semanario de reportagens palpitantes e sempre repletas de actualidade.

O desta semana é, pela emoção e sensação dos assuntos tratados, um numero invulgar, daqueles que fariam os creditos de qualquer jornal se «X» não estivesse já absolutamente lançado.

Baile do pessoal dos Telefones

No dia 6 de abril proximo, realiza-se nos salões do Jardim Cinema, na avenida Alvares Cabral, o baile anual de confraternização do pessoal dos Telefones que, a avaliar pelo exito obtido nos anos anteriores, deve decorrer animadissimo.

Será fornecida uma lauta ceia aos empregados e a suas familias. Está já aberta a inscrição do pessoal.

Mobilias

PAPEIS PINTADOS
OLEADOS
ESTOFOS
ETC.

Tel. 23413

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇOES

ARMAZENS DE MOVEIS DO CALHARIZ-PAIXÃO CARVALHO L.ª

26 — L. Calhariz — 28

Porquê?

Por que motivo sofre resignada das suas dôres de cabeça, se toda a gente sabe que a Cafiaspirina é um produto de toda a confiança, absolutamente inofensivo para o organismo, e que rapidamente suprime todas as dôres, por violentas que sejam?

Cafiaspirina BAYER

O PRODUTO DE CONFIANÇA

N'A Mariazinha

o freguês vai e fica.
Nos outros...
experimenta e foge...

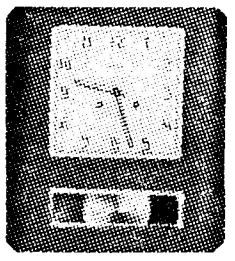
A Mariazinha

RUA BARROS QUEIROZ, 26 e 28
(á Igreja de S. Domingos)

TORROAES

RELOJOARIA DE CONFIANÇA

Relogios de parede



Despertadores dos melhores fabricantes

Modelos modernissimos de absoluta novidade

119, R. da Prata, 123 Telef. 24210

COMO UMA ROMÃ... ficará a sua boca rubra, córada, fascinante, se usar a pasta dentifrica Kytik

M.ª CAMPOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
A. DA LIBERDADE 35 TELF. 21866 E NAS BOAS CASAS

Banheiras. Lavatorios
Esquentadores. Torneiras
Fogões de Cozinha
Instalações de Casas de Banho
Preços convidativos. Orçamentos gratis
115, Rua do Alecrim—LISBOA

D. Nuno Maria José Caetano Alvares Pereira de Mello

DUQUE DE CADAVAL

Sufragios do 30.º dia

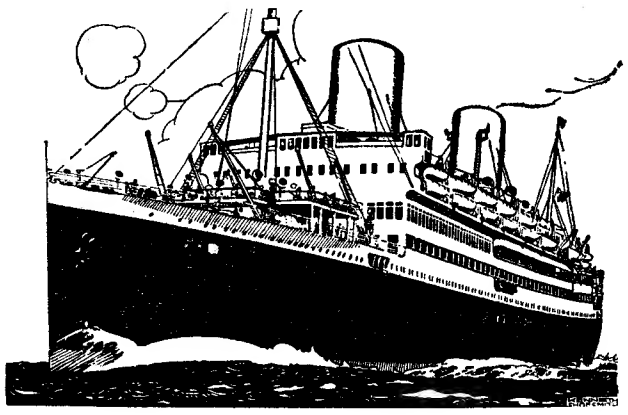
A Ex.ma Senhora Duqueza de Cadaval manda celebrar amanhã, dia 16, pelas 12 horas, na Igreja paroquial do Sacramento solenes exéquias por alma de Seu Ex.mo Filho, Senhor Duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira de Mello, e por este meio convida os Ex.mos Parentes e pessoas das relações de Sua Familia a assistir a esta piedosa comemoração.

X.mo Snr. D. Nuno Maria José Caetano Alvares Pereira de Mello

DUQUE DE CADAVAL

Sufragios do 30.º dia

Celebrando se amanhã, dia 16, pelas 12 horas, na Igreja paroquial do Sacramento, solenes exequias por alma do Ex.mo Senhor Duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira de Mello, a administração da Ex.ma Casa de Cadaval agradece a comparencia a este piedoso acto.



Mala Real Inglesa

(Royal Mail Lines, Limited)

Para RIO DE JANEIRO, SANTOS, MONTEVIDEU e BUENOS AIRES

ARLANZA (*) ..... 26 de Março
ASTURIAS (**) ..... 9 de Abril
(*) Toca em Madeira, S. Vicente, Pernambuco e Bahia.
(**) Toca na Madeira.

HIGHLAND CHIEFTAIN ..... 20 de Março
HIGHLAND PRINCESS ..... 3 de Abril
Toca em Las Palmas e Pernambuco.

Para o NORTE

Para Vigo, Cherbourg e Southampton
ALMANZORA..... 6 de Abril
AGENTES PARA PASSAGENS E CARGA
James Rawes & C.º
Rua Bernardino Costa, 47, 1.º
Telefones: 2 3232—2 3233—2 3234

Para Vigo, Boulogne e Londres
HIGHLAND BRIGADE ..... 25 de Março
AGENTES PARA PASSAGENS E CARGA
E. Pinto Basto & C.ª, L.da
Avenida 24 de Julho, 1, 1.º
Telefones: 2 6001 4 (linhas)

A'S SENHORAS
Tinjam os seus vestidos com as afamadas tintas
ARTI

ESTRANGEIRO

OLIMPIA CLUB
HOJE
Exibição da famosa artista
Zaida Nerina

As relações russo-japonesas

melhoraram com o acôrdo do caminho de ferro de Leste

MOSCOVO, 15.—Litvinoff explicou aos correspondentes dos jornais japoneses a influencia que a assinatura do acôrdo do caminho de ferro de Leste terá nas relações nipo-sovieticas. O comissario dos Estrangeiros declarou que o acôrdo vinha solucionar um dos problemas mais complicados do Extremo Oriente e era por consequencia de acolher com alegria. Considerou a venda do referido caminho de ferro uma das «mais brilhantes manifestações pacificas do Governo sovietico». Frisou o espirito de conciliação de que deu provas a U. R. S. S. e referiu-se ao problema da pesca para dizer que as negociações diplomaticas podem trazer-lhe modificações vantajosas para ambas as partes.

Referindo-se á questao da desmilitarização de certas zonas, Litvinoff disse que esperava que a U. R. S. S. e o Japão nunca entrassem em guerra, mas que era normal que discutissem a questão da retirada de tropas, incluindo as forças aereas, para uma distancia a determinar.—(Havas).

Politica chilena

SANTIAGO DO CHILE, 15—Num manifesto, o partido radical diz que o presidente da Republica, sr. Artur Alessandri, condena as idéas socialistas, mas que, na realidade, usa de todos os metodos postos em pratica pelos governos saidos da revolução que derrubou o general Ibañez.—(Americana).

GRIPE

Contra a gripe e resfriamentos, o Togal é um remedio soberano. Actua segura e rapidamente atacando directamente a origem do mal, sendo absolutamente inofensivo. O Togal suprime os acessos da gripe. Resultados surpreendentes. A' venda em todas as farmacias. Peça o nosso folheto elucidativo. Togal. Rua Aurea, 124, 1.º—Lisboa.

Aos primeiros sintomas de
GRIPE
aplique uma pasta de
THERMOGENE
Algodão revulsivo e resolutivo, que impede a congestão dos brônquios e dos pulmões.
Vende-se em todas as farmacias.

A TOSSE
é sempre instantaneamente alliviada
pelo uso das
Pastilhas VALDA
ANTISEPTICAS
Producto incomparavel
CONTRA
os Defluxos, Dôres de Garganta, Laryngites, Bronchites, Grippe, Asthma, Emphysema, etc.
Encontram-se em todas as Pharmacias e Drogarias
EM LATAS com o nome VALDA
Representante H. REYNAUD
LISBOA

Um debate na Camara francesa

acêrca dos efectivos militares

PARIS, 15—Trava-se hoje na Camara dos Deputados um debate importantissimo sobre os efectivos militares, problema de alta importancia que ha tempos vem sendo discutido em França, por todos os sectores da opinião e que deu lugar a um artigo do marechal Pétain, que teve larga repercussão.

Ninguem tem duvidas de que o Governo obterá hoje, em conclusão do referido debate, uma maioria consideravel. Não ha um unico jornal que avente hipotese contrária, embora reconheçam todos que a sessão deverá, por vezes, tomar caracter bastante vivo. Esta sessão deve prolongar-se pela noite adiante até muito tarde.

O «Journal» escreve a este respeito: «O governo defrontar-se-á hoje com uma ofensiva que, noutras circunstancias, poderia afigurar-se perigosa, mas que desta vez não deve pôr seriamente em perigo a sua existencia».

O mesmo jornal faz notar que o assunto discutido não é dos que põem á vontade os deputados em face dos seus eleitores: «Far-se-á demagogia—acrescenta—mas o governo vencerá, fazendo prevalecer a solução média entre as duas correntes opostas».

Outro representante da grande Imprensa, o «Matin», escreve: «Parece que só os socialistas e comunistas se conservarão na oposição. Sabe-se que só certos radicais-socialistas votarão contra ou abster-se-ão».

O «Petit Journal» entende que na pior das hipoteses o gabinete terá 300 a 350 votos contra 150 a 200. «De qualquer maneira—acrescenta—a vitoria do Governo parece certa». Os jornais da direita manifestam o desejo de que seja votada imediatamente a lei dos dois anos e fazem a seu favor uma larga campanha. O «Figaro» é um deles, mas entende tambem que a solução média dará ao Governo a maioria necessaria. O *Echo de Paris* preferiria que o debate se travasse sobre o projecto lei dos dois anos e acrescenta: «Se as declarações de Flandin forem suficientemente claras, é possivel que o centro e a direita—até agora hesitantes—votem a confiança, sem reservas, ao Governo. «L'Oeuvre» (radicar-socialista) declara perentoriamente: «O Governo vencerá por forte maioria». —(Havas)

O conflito de Leticia

RIO DE JANEIRO, 15—Foi prorrogado até 30 de novembro o prazo para a ratificação do protocolo de Leticia pelo Peru e pela Colombia. O resultado das diligencias realizadas em Bogotá naquele sentido acaba de ser comunicado oficialmente ao ex-ministro das Relações Exteriores, Afranio de Melo Franco, presidente da comissão de conciliação e autor do acordo que evitou um conflito armado entre os dois países interessados. Tanto o Peru como a Colombia estudam a desmilitarização da zona em litigio.—(Americana)

Os acidentes de viação

diminuiram na Inglaterra

LONDRES, 15—Causou grande satisfação a noticia oficial comunicada pelo Ministerio dos Transportes e Comunicações, segundo a qual, durante a ultima semana, deminuiram consideravelmente os acidentes mortais nas ruas e estradas da Gran retanha. Não resta, pois, duvida que deu os melhores resultados o edital afixado ultimamente para que nas estradas os automoveis não possam seguir a uma velocidade superior a 30 milhas.—(Havas)

A greve dos transportes na Irlanda

DUBLIN, 15—O governo do Estado Livre resolveu proceder com firmeza perante a situação criada pela greve dos transportes.

O comunicado oficial publicado ontem á noite pelo ministro da Industria e Comercio diz, com efeito, que em vista de terem sido rejeitadas as sugestões feitas pelo seu ministerio, para solucionar o conflito, o Governo resolveu organizar os serviços de transportes especiais enquanto durar a greve e dirigir um apelo a todos os proprietarios de automoveis e ao publico para que lhe prestem o seu concurso—.(Havas)

O nudismo integral

nas ruas de Burgos

BURGOS, 15.—Um individuo, que aparenta trinta anos, atacado de loucura subita, despiu-se e começou a passear nas ruas, completamente nu. Juntou-se muito povo. Um varredor de ruas tentou subjugá-lo, mas o louco resistiu e feriu-o. Com muito trabalho a Policia conseguiu agarrá-lo e levá-lo para o hospital.—(Havas).

Combate de «box»

BARCELONA, 15.—Ontem á noite Freddie Miller, campeão do mundo de *box*, dos leviissimos, bateu por abandono, ao 7.º *round*, o espanhol Xavier Torres.

Este deu mostras de grande coragem e, embora vencido, forneceu um bom combate.—(Havas).

Deputado francês agredido

BOULOGNE SUR MER, 15—O deputado Elbel, ex-director dos Acôrdos Comerciais do Ministerio do Comercio foi agredido a murro numa sessão eleitoral por um individuo que lhe vasou um olho. O agressor foi preso e o agredido hospitalizado.—(Havas)

Greve que termina

VARSOVIA, 15.—Trinta mineiros, que se encontravam em gréve ha 24 horas, no poço da mina Luisa de Katowice, consentiram em abandonar esta, contrapromessa de lhes pagarem os salarios atrasados.—(Havas).

Abalos sismicos em Cordova

CORDOVA, 15—Sentiram-se três abalos sismicos em varias aldeias desta provincia. Não se registaram estragos materiais. (Havas).

POLITICA BRITANICA

Os planos de Lloyd George

LONDRES, 15.—No documento, «New Deal», que Lloyd George apresentou ontem á noite em Downing Street, na residencia do primeiro ministro, MacDonald, o antigo chefe do governo diz que é seu desejo ser convocado para ir pessoalmente á proxima reunião da comissão encarregada pelo gabinete britanico de o ouvir, a fim de dar as necessarias explicações.—(Havas).

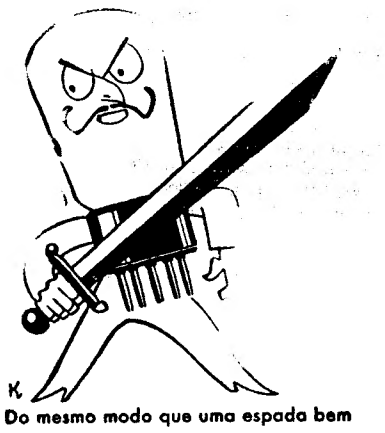
Eleições suplementares

LONDRES, 15.—As eleições suplementares de Norwood, por motivo da nomeação de sir Walter Greaves Lord para juiz, deram a vitoria ao candidato conservador por uma maioria de 3.348 votos. A totalidade de votos é a seguinte: Sandys, conservador nacional, 16.147; miss Gould, liberal, 12.789; Findlay, independente-conservador, 2.698. —(Havas).

As pensões de guerra

LONDRES, 15.—Segundo os elementos fornecidos ontem pelo ministerio das Pensões, verifica-se que ha uma economia de 881.000 libras no capitulo «pensões de guerra».—(Havas).

Não se deixe envelhecer, cuide dos seus cabelos.
O **Renovador RUTHER**, tonifica, restitui a coloração e evita a caspa dos seus preciosos cabelos.
A' venda nas **Drogarias Antonio Mendes dos Santos**, 65, Avenida Marquez de Tomar, 69.—131, Avenida 5 de Outubro, 133.



Do mesmo modo que uma espada bem afiada, as válvulas «Miniwatt» separam as estações, de um só golpe.
Sintonizada qualquer estação, todas as restantes deixam de interferir.
Todos os bons receptores de Radiotelefonia trabalham com válvulas Philips. V. Ex.ª deve melhorar também as suas audições, equipando o seu pôsto com as modernas «Miniwatt».
"MINIWATT"
PHILIPS RADIO
Prefira a «CHIC» para os seus almoços e jantares, e verá que todo o serviço lhe dará inteira satisfação.

PEÇA SEMPRE
trosilina para todas as limpezas
UM PRODUCTO BAYER
trosilina
trosilina DESINFECTANTE E PURIFICADOR
Encontra-se á venda em todas as drogarias, em embalagens de 125, 250, 500 e 1.000 gramas

ODEON — PALACIO
IVAN PETROVITCH na luxuosa versão da opereta celebre de Franz Lehar
PAGANINI

ULTIMAS NOTICIAS

Companhia das Fabricas Ceramica Lusitania
Grandes fabricas de bons produtos ceramicos de
TODOS OS GENEROS E PARA TODOS OS USOS
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setubal, Faro, Portimão e etc.
A CERÂMICA QUE HONRA O PAIZ!

O Govêrno grego desmente

que se pense na restauração da monarquia

ATENAS, 15—A agencia de Atenas informa que são absolutamente destituidas de fundamento as noticias segundo as quais teria já começado na Grecia o movimento para a restauração da monarquia. Declara tambem que é falso que a multidão que anteontem fez uma grande manifestação em frente da residencia de Tsaldaris ostentasse retratos do pretendente ao trono ou emblemas reais. Os unicos cartazes que os manifestantes empunhavam reclamavam apenas o severo castigo dos responsaveis pela sedição, nomeadamente Venizelos.

A proposito duma noticia de que proximo de Drama se travára uma verdadeira batalha entre rebeldes e forças governameitais, a mesma agencia declara que a ordem está completamente restabelecida em toda a Grecia desde ante-ontem.—(Havas).

O apuramento das responsabilidades

ROMA, 15.—Alem de Creta, Mitilene, Chios e Samos estiveram em poder dos rebeldes gregos as seguintes ilhas: Lemnos, Imbra, Samotracia, Tasos e Nicaria. Para todas elas seguiram comissões de inquerito, para apuramento de responsabilidades. Têm-se feito numerosas prisões em toda a Grecia. Entre os detidos figuram parlamentares e oficiais do Exercito e altos funcionarios. Gyporis, um dos mais dedicados amigos de Venizelos, foi encontrado pela Policia numa casa de Pireu, onde se escondera. Tambem se descobriu o esconderijo de Botzaris, chefe politico do Epiro e descendente do heroi da luta, pela independencia grega e Lambrakis, director do jornal liberal «Elefteron Vima».

Continuam as manifestações de regozijo pela vitoria do Governo, que prepara grandes reformas politicas.

Foi preso um banqueiro de Drama que ofereceu espontaneamente dinheiro aos revolucionarios.—(Americana).

Um desmentido de Plastiras

CANNES, 15—O general Plastiras desmentiu formalmente as pretensas revelações dum jornal estrangeiro, feitas por ele, e segundo as quais Venizelos ter-se-ia antecipado a dar o sinal da revolução que ele, Plastiras, preparara para 25 do corrente.—(H.)

A SITUAÇÃO EM CUBA

Ecos da greve revolucionaria

HAVANA, 15—No quinto distrito começou hoje a funcionar o primeiro tribunal militar. Foi julgado Manuel Porto Pena, chefe do partido comunista, que é acusado de sabotagem na cidade de Casablanca.

Parece que diversos chefes revolucionarios se refugiaram nas legações estrangeiras.

O secretario da Instrução pensa em encerrar provisoriamente as escolas secundarias para proceder á revisão do pessoal de ensino e excluir os funcionarios radicais.—(Havas)

A industria dos raptos

na America do Norte

BOODBRIDGE, (Nova Jersey), 15.—Os agentes federais procuram activamente o paradeiro de Chester Hyde, de 19 anos, que na segunda-feira ultima, ao regressar do colegio, desapareceu misteriosamente, não tornando a ser visto.

Supõe-se que Chester Hyde se encontre sequestrado, pois que os seus pais são riquissimos e podem pagar um resgate importante.—(United Press).

A sala-restaurante do CAFÉ-«CHIC» tem conforto, asseio inexcedivel, não tem cheiro ou fumo e tem originalidade na iluminação.
—Porque a não visita V. Ex.ª?

VIDA PARLAMENTAR

O debate relativo á defesa nacional

prosseguiu hoje

pronunciando-se a favor da proposta varios oradores

(Continuação da 1.ª pagina)

—E' preciso que das paginas do orçamento desapareça a parte em que se encontram consignados 300 mil contos com pessoal e 50 mil com material. Isto é a negação da ordem financeira do Estado.

A sessão prossegue.

A CAMARA CORPORATIVA

concorda com a nossa representação diplomatica na União Sul Africana

A Camara Corporativa tornou hoje publico o seu parecer acêrca da proposta governamental que cria a nossa representação diplomatica junto da União Sul Africana, documento no qual se lêem as seguintes passagens:

A criação da representação diplomatica de Portugal na União Sul Africana é um dever de cortesia internacional. Existe já em Lisboa uma legação sul africana, chefiada por um ministro plenipotenciario, que simultaneamente desempenha funções de ministro em Paris.

A representação diplomatica proposta reveste uma feição especial. E' a primeira vez que Portugal entra em relações politicas com um Dominio do Imperio Britanico, e os Dominios Britanicos são Estados, membros da mais poderosa agremiação de nações que jamais existiu—the British Commonwealth of Nations.

A Camara Corporativa não pode todavia deixar de ponderar que lhe parece insuficiente uma representação diplomatica confiada a um primeiro secretario, visto que se debatem em Africa problemas da mais alta importancia para Portugal e que a União Sul Africana é o país de maior preponderancia ao sul do Equador.

Por isso, a Camara Corporativa sugere que a base unica seja alterada nos termos seguintes:

E' criada a representação diplomatica de Portugal na União Sul Africana. Esta representação será confiada a uma legação chefiada por um ministro de 2.ª classe, sendo o respectivo pessoal fixado pelo Governo, que, para esse efeito, fará no quadro e no orçamento do Ministerio dos Negocios Estrangeiros as necessarias alterações.

O parecer á assinado pelos srs. general Eduardo Marques, drs. Fezas Vital, Gustavo Cordeiro Ramos e José Gabriel Pinto Coelho, general João Almeida Arez e José de Almada (relator).

Os seguros de vida dos funcionarios publicos

Tambem se tornou hoje publico o parecer da Camara Corporativa, sobre o projecto do sr. major Lobo da Costa, relativo aos seguros de vida dos funcionarios publicos.

A Camara pensa o seguinte sobre as bases propostas:

Base I. A base I do projecto tem uma redacção tal que parece conceder aos funcionarios o direito de contrair seguros de vida, como se eles o não tivessem. Proporiamos uma outra redacção, nos termos seguintes:

«E' o Governo autorizado a acordar, com as sociedades de seguros nacionais legalmente autorizadas a explorar o ramo vida, o estabelecimento de um tipo especial de seguro de vida para funcionarios publicos».

Base II. A base II parece-nos dispensavel. Parte da materia que nela se contém está compreendida na redacção proposta para a base I. Quanto a designar-se o Instituto Nacional do Trabalho e Previdencia como sendo o orgão proprio para a elaboração do contrato ou acôrdo entre o Estado e os seguradores, não vemos nisso qualquer vantagem, afigurando-se-nos mais conveniente que ao Governo fique a liberdade de confiar tais serviços a esse Instituto ou á Inspecção de Seguros, conforme entender melhor.

Base III. Proporiamos que passasse a ser base II com a seguinte redacção.

«Os premios dos seguros de vida para funcionarios publicos serão pagos mensalmente pelo Estado ás sociedades seguradoras, mediante desconto nas folhas de vencimentos dos segurados».

Base IV. Esta base não poderia ser aprovada tal como está no projecto. Na verdade, os sub-secretarios de Estado não podem publicar regulamentos, pois carecem da faculdade regulamentaria que só compete ao Governo (Constituição, artigo 108.º, n.º 3.º), constituido pelo Presidente do Conselho e pelos ministros (Constituição, artigo 106.º).

E pertencendo sempre ao Governo, pela Constituição, a faculdade de regulamentar as leis, entende a Camara Corporativa desnecessaria qualquer base tendente a conferir-lhe essa competencia para uma lei em especial.

Assinam o parecer os srs. dr. Domingos Fezas Vital, Fernando Enes Ulrich, dr. Gustavo Cordeiro Ramos, Jaime Ferreira, dr. José Gabriel Pinto Coelho e dr. Marcelo Caetano, (relator).

Reunião de secções

Na Camara Corporativa reuniram-se hoje conjuntamente as secções 16.ª (ciencias, letras e artes) e 17.ª (educação fisica) para estudo do projecto sobre «Educação fisica», intervindo nos trabalhos os srs. drs. Julio Dantas, Duarte de Oliveira e José de Figueiredo; Tertuliano Marques, Ivo Cruz, Rui de Andrade, Dario Canas e Serras e Silva.

Reuniu-se tambem hoje a 22.ª secção (politica e economia coloniais) para estudo do projecto relativo á criação do Instituto de Medicina Tropical, tomando parte nos trabalhos os srs. generais Eduardo Marques e Almeida Arez e José de Almada.

NO TIVOLI: Um filme musical glorioso
Amores de Schubert
A divina música de Schubert, cantada pela voz sublime de Richard Tauber
A seguir: OIRO, com Brigitte Helm.

SEVILHA ENCONTRA-SE AMANHÃ EM LISBOA NO
CASANOVA
com todas as suas atracções, canções, alegria, bailes e surpresas
Orquestra SOUSA PINTO
Não deixem de o visitar

Politica espanhola

Um entendimento entre os partidos da esquerda republicana

MADRID, 15.—Alvaro de Albornoz, antigo presidente do Tribunal de Garantias Constitucionais, continua nos seus trabalhos para chegar a um entendimento entre os diversos partidos republicanos da esquerda. Ontem conferenciou com Martinez Barrio, ex-presidente do Conselho e chefe da União Republicana, com Botella, ex-ministro da esquerda. Brevemente terá novas conferencias que se consideram mais importantes.—(Havas).

Rebeldes condenados

LEÃO, 15.—O tribunal marcial condenou á morte Garcia Duenas, a vinte anos de prisão outros nove acusados e um a seis meses. São todos implicados na greve revolucionaria de dezembro de 1933.—(Havas).

As penas de morte

MADRID, 15.—O Conselho de ministros, que esta manhã se reuniu, sob a presidencia do chefe do Governo, resolveu por unanimidade enviar ao Supremo Tribunal, para exame, as sentenças de morte a que recentemente foram condenados onze individuos, por varios conselhos de guerra. Entre os condenados figura o ex-deputado socialista Ramon Gonçalves Peña.—(United Press).

LEÃO, 15.—O Conselho de Guerra condenou hoje á pena de morte Antonio Garcia e a vinte anos de prisão cada um nove individuos pertencentes á povoação de Veguelleira, acusados de terem morto dois guardas civis e ferido gravemente outros dois guardas durante a ultima insurreição registada nas Asturias.—(United Press).

Descoberta de armamento

BARCELONA, 15.—A guarda civil prendeu sete comunistas na ocasião em que realizavam uma reunião clandestina, numas ruinas situadas nos suburbios desta cidade. Numa busca passada á casa dos presos foi encontrada grande quantidade de armas, munições, dinamite, acidos corrosivos e folhetos de propaganda subversiva. —(United Press).

Actos de banditismo

Assaltos a estabelecimentos

MADRID, 15.—Um grupo constituido por vinte individuos armados de cacetes assaltou esta manhã os Armazens de Preço Unico, destruindo todas as montras do referido estabelecimento, assim como o respectivo mobiliario. Sete empregados daquele armazem receberam graves ferimentos na cabeça e no corpo.—(United Press).

FERROL, 15.—Três individuos mascarados assaltaram um estabelecimento de comidas desta cidade, roubando cinco mil pesetas que encontraram numa gaveta. Antes de se pôrem em fuga, dependuraram na chaminé o dono do referido estabelecimento, deitando em seguida no lume madeiras verdes para que, assim, o desventurado proprietario ficasse devidamente defumado.—(United Press).

Morte duma actriz americana

NOVA YORK, 15.—Faleceu com 70 anos a conhecida actriz norte-americana R. Horrison. A extinta que desempenhava o principal papel na comedia «Negri Pastures», foi acometida de um ataque de coração no dia 2 do corrente, sendo internada num hospital, onde veio a falecer hoje.

A senhora Harrison desempenhou durante 1658 dias, consecutivos o seu papel na referida comedia.—(United Press).

ás 5 horas chá
PATISSERIE VERSAILLES

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASÇENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

A HISTORIA VIVIDA

"D. SEBASTIÃO"

Uma criança que não soube ser rei

Interpretação critica do dr. Queiroz Velozo

O sr. dr. Queiroz Veloso, uma das figuras mais eminentes das nossas letras, professor, critico e erudito, tem entre mãos já em provas um estudo admiravel sobre D. Sebastião, grosso volume de 400 paginas, com centenas de notas, que é, podemo-lo considerar assim uma ressurreição perfeita desse enigmatico tipo real, sobre o qual ainda não foi dita a ultima palavra historica.

O sr. dr. Queiroz Veloso, lendo tudo o que se escreveu sobre a figura e compulsando os documentos existentes nas bibliotecas e arquivos de Portugal e Espanha, sobretudo, em Simancas, manancial inesgotavel, cheio de surpresas e de inéditos curiosissimos, reviveu em absoluto, a personalidade de real, chegando a conclusões que vão, porventura, levantar acaloradas e apaixonadas discussões.

Estamos em presença duma nova critica, feita com singular escrupulo de verdade, penetrando terriveis permenores, de caracter medico, já suspeitados, mas não estudados em toda a sua cruel extensão. O Diario de Lisboa, *antecipando o aparecimento da obra, que será posta á venda, em fins de abril, publica um dos trechos mais curiosos do terceiro capitulo.*

O caracter de D. Sebastião, o insolito aspecto de muitos dos seus actos, a sua indole ascetica, as inclinações guerreiras, o louco entusiasmo que o levou á catastrofe de Alcacer-Quibir, todo este singular conjunto de circunstancias procuraram alguns historiadores explicá-lo pela educação que o aio e o mestre, mas sobretudo o mestre, lhe ministraram.

Desde o ensino da leitura pelo P.e Amador Rebelo, mostrou D. Sebastião memoria pronta e inteligencia aguda. No estudo das Humanidades, com o P.e Luiz Gonçalves da Camara, como no das Matematicas, que aprendeu com o celebre Pedro Nunes, os seus progressos foram rapidos. A sua instrução, apesar de terminada cedo, ao entrar na maioridade politica era relativamente extensa. Descontando os costumados exageros dos cronistas — que *chegou a grande conhecimento dos Authores Latinos, por escuros, que fossem,* e que *sobre a Esphera de João Sacrobosco fez huns Comentarios muy doutos, e engenhosos,... como de algum bom Mestre da Materia* — os documentos, que nos deixou escritos, revelam sem duvida os variados conhecimentos que possuia; mas tambem, aqui e além, uma estranha confusão de ideias, uma obscuridade de pensamento, que fazem de certos periodos verdadeiros enigmas. E quasi todos ressumantes de vaidade — como notou o perspicaz embaixador espanhol, D. João da Silva — a infantil vaidade dum autor que julga irrespondiveis os seus argumentos e confia absolutamente no poder de sugestão das suas palavras.

Dotado duma imaginação exaltada, era com entusiasmo que ele ouvia a narrativa dos nossos feitos na Africa e na India. Tinha seu avô perdido em março de 1541, depois dum violento cêrco de seis meses, a fortaleza de Santa Cruz do Cabo de Aguer ou de Gué, mandada construir por D. Manuel; e em dezembro do mesmo ano, foram evacuadas Safim e Azamor, cuja conquista se efectuára tambem em tempo do rei venturoso. Em 1549 e 1550, abandonamos Alcacer-Ceguer e Arzila, tão intimamente ligadas á historia de D. Afonso V, e a ultima até ao nome de seu filho, o principe D. João, armado cavaleiro na propria mesquita, pela bravura de que dera provas na tomada do castelo.

O abandono destas praças fôra um acto prudente e sensato de D. João III. O estado da Fazenda impunha-o; e a sua conservação cada vez se tornaria mais dispendiosa e dificil, não só pela união politica de Marrocos, sob o imperio dos

D. Sebastião

Xerifes, como pelo armamento moderno de que dispunham, cujo manejo haviam aprendido com turcos e cristãos renegados. A opinião publica condenára, porém, esses actos. Além das resoluções das Côrtes, apontadas no capitulo anterior, inteiramente contrarias á evacuação dos lugares de Africa, o *Discurso Panegirico,* que acompanhava e reforçava os votos dos procuradores dos concelhos, ainda era mais expressivo, ao aconselhar, no seu paragrafo terceiro, «por mais justa e mais conveniente a Conquista de Africa, que a da India»... porque «esta estava muito longe e não rendia cousa, que com ella se não tornasse a gastar, e aquella estava perto, e era muito prejudicial á Hespanha a sua vizinhança, e convinha domalla, e estender nella o Imperio Lusitano». E não obstante o rei piedoso ter solicitado de Paulo III que o autorizasse a demolir as igrejas e mosteiros das povoações que viesse a abandonar, e haver o pontifice promulgado, em 8 de novembro de 1541, a respectiva bula, certas Ordens religiosas, principalmente as que se dedicavam ao resgate dos cativos, tinham visto tambem com desgosto esse abandono.

Se era esta a opinião geral, assim deviam pensar o aio e o mestre do rei. D. Aleixo de Meneses começara, muito moço, a sua carreira em Africa, assistindo com seu tio, o almirante D. João de Meneses, á entrada de Azamor, no ano de 1513; e quando regressou da India, mandou-o D. João III visitar e prover as praças africanas, pois todas nos pertenciam ainda. Foi até este o seu ultimo serviço militar. Não mereceria, portanto, o seu aplauso a perda desses nobres padrões das glorias portuguesas.

O P.e Luiz Gonçalves da Camara tambem estivera em Marrocos. Pensionista no Colegio de Santa Barbara, da Universidade de Paris, onde realizara solidos estudos humanisticos, estava cursando Teologia na Universidade de Coimbra, quando em 1545, com vinte e sete anos de idade, entrou para a Companhia de Jesus, animado por Pedro Fabro, a quem conhecera em Paris, e que no ano anterior viera a Portugal, numa importante missão de Inacio de Loiola junto de D. Pedro III, aproveitando o ensejo para visitar o Colegio de Coimbra. O tempo do noviciado passou-o ele em Espanha, no Colegio de Valencia; e tão rapidamente subiu em dignidades, que nos principios de 1547 foi pelo Provincial, P.e Simão Rodrigues, nomeado reitor do Colegio de Coimbra. Onze meses depois, na festa do Natal, para experiencia e exemplo da sua obediencia, o mesmo provincial o demitiu de reitor, baixando-o ao oficio de cozinheiro da casa; e nesta ocupação humilde serviu mais de um trimestre. A pedido do capelão mór de Ceuta, D. Afonso de Noronha, em agosto de 1548, foram os P.es Luiz Gonçalves da Camara e João Nunes Barreto — que veio a ser patriarca da Etiopia — mandados a Tetuão, para consolação e conforto dos prisioneiros cristãos. Com tanta dedicação e carinho os tratava o P.e Luiz Gonçalves, visitando-os nas masmorras, fortalecendo-os nas suas crises de desespero, procurando suavizar os penosissimos trabalhos a que eram obrigados, que todos os cativos o adoravam. No começo de 1549 regressou a Portugal, sendo em 1550 incumbido de substituir, durante a sua ausencia, com o mestre do Principe D. João, o P.e Simão Rodrigues, que fôra chamado a Roma para assistir á primeira Congregação Geral da Companhia. A recordação dos quatro ou cinco meses, passados em Africa, tambem lhe faria sentir mais vivamente o abandono das nossas praças.

Entre os quatro sumilheres, que semanalmente se revezavam no serviço do rei, havia um, D. Fernando Alvares de Noronha, varias vezes ferido em terras da mourama, cujo pai exercera com distinção o governo de Azamor. Outro que tambem defenderia a expansão portuguesa em Marrocos. D. Sebastião foi, portanto, educado num ambiente propicio ás suas inclinações guerreiras, em que as empresas de D. João I e D. Afonso V eram exaltadas como bons exemplos, o que implicitamente correspondia á condenaçao da politica de renuncia de D. João III.

Até tomar conta da governação do reino, D. Sebastião viveu sempre em companhia da avó. Mesmo quando o regente saía de Lisboa para Sintra ou Almeirim, e levava consigo o sobrinho, D. Catarina o acompanhava. Enquanto não completou sete anos, comia e dormia nos aposentos da raínha. Depois teve aposentos separados; mas todos os dias visitava a avó e com ela se demorava geralmente uma hora, ouvindo-lhe conselhos e, ás vezes, repreensões ,que o seu feitio voluntarioso e orgulhoso só por obrigação recebia. D. Catarina tambem, frequentemente, o procurava no seu quarto, sobretudo de manhã, «para ver se havia nelle, ou nos que lhe assistião, que advertir e emendar». D. Aleixo de Meneses nunca o deixava, assistindo não só a estas visitas, como ás lições, que eram duas, uma de manhã e outra de tarde, da duração precisa de uma hora, marcada pela ampulheta. Como o mestre, acabada a primeira lição, ia ao Paço da Ribeira ao Colegio de Santo Antão-o-Velho, para jantar e volver, a tempo da segunda lição, obteve a raínha que o Provincial o autorizasse, e aos seus dois companheiros, a tomar aquela refeição no Paço. Assim se fez em aposento independente, como exigiu o P.e Luiz Gonçalves da Camara; muitas vezes lhe aparecia o discipulo, acompanhado apenas pelo aio.

Todos os historiadores sebásticos afirmam que D. Aleixo de Meneses, até nas lições de escrita, censurava prévíamente os traslados, mandando-os substituir, quando não mereciam a sua

(Vêr continuação na 6.ª pagina)

ESTE SUPLEMENTO NÃO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

Contra o Levante

POR JOAQUIM MANSO

A vida, ao contrario do que muitos pensam, não se deixa apreender, nem medir, nem avaliar, quando nós lhe perguntamos:

—Vale a pena lutar para perpetuar o sofrimento?

As interrogações que traduzem duvida, desanimo, desconfiança ou negação não as devemos dirigir á vida, mas sim coloca-las diante da nossa consciencia, como Hamlet sobre a sepultura de Iorich:

—Porque não me julgo capaz de considerar o mundo como um infindo campo de descobertas?

Nas epocas de decadencia, no momento em que todo o esforço se torna penoso e inutil, o pessimismo paralisa o espirito no seu ardente desejo de conquistar a luz, a verdade e o amor. Apetece-lhe, sobretudo, cerrar os olhos e boiar na ilusão universal, sem estender sequer a mão para mover o remo da barca que o conduz ao acaso das correntes adversas.

Renan, meses antes de expirar, virou-se para os seus amigos e deu-lhes a perceber que o seu maior empenho seria continuar a caminho da Eternidade, sem encarar os enigmas que o misterio suscita nem pertubar o silencio que os encobre.

—Deixemos dormir em paz os deuses e não lhes ponhamos sobre o peito as turvações e lamentos da nossa miseria terrestre.

Renan, que escrevera a Oração na Acrópole, passara a sua existencia a sorrir e a incluir no seu sorriso esta declaração:

—Tanta fadiga, tanta pugna cruel para nos elevarmos acima da nossa triste condição e não reparamos em que as estrelas andam no firmamento, a milhões de quilometros de nós. Como poderão as nossas suplicas interromper o seu giro?

O autor da «Vida de Jesus», ao estudar as origens do cristianismo, suprimira em si toda a disposição cristã: queria ser historiador imparcial e justo, segundo as normas de metodo cientifico que nos impõe a obrigação de nada afirmar sem prova.

Pode alguem compreender um acontecimento e uma enorme vibração de almas, desde que a sua sensibilidade se fecha a qualquer participação simpatica no fervor que os anima?

Para estudar a revolução francesa, exige-se que fiquemos frios como um bisturi?

Responda-se a estas preguntas, afirmativa ou negativamente, mas de toda a historia religiosa de Renan, escrita em meio seculo de filosofia e de labor beneditino, deduz-se que o personagem que mais o interessou não foi Cristo, mas antes ele proprio. A sua «Vida de Jesus» é em grande parte a sua biografia, expressa no proposito de dissolver na neblina azulada da lenda a prégação evangelica e a doutrina da redenção.

Que se construiu sobre a base do renanismo?

Pouco ou nada. As idéas que não se revestem de carne, paixão, loucura, entusiasmo e poesia definham nas folhas dos livros, gastas e amarelecidas. O cristianismo criou uma civilização de que brotou o proprio Renan. O seu cepticismo, tão elegante como sapiente, é parecido com o derradeiro fruto das arvores que só começa a amadurecer, no outono, quando a temperatura não favorece a sua maturação.

A Grecia embriagou-se com os seus deuses e os seus herois, na fase hieratica e lendaria em que o ceu se entreabria para fornecer a substancia dos cultos e dos mitos. A razão contrapôs-se a tamanha febre inventiva—a estupenda desordem em que cada demo arrancava da gleba as Musas e as estrofes dos poemas—e bradou indignada:

—E' necessario harmonizar a obra do instinto com a do entendimento disciplinado e ordenado!

O Olimpo entrou na agonia e as escolas cairam na dialectica, discutindo no vacuo e construindo na areia.

Qual foi o crime dos sofistas?

Tomar a palavra, o «logos», como um absoluto, quando ela é modestamente um meio de comunicação.

A realidade que rodeia os nossos sentidos pertence á categoria dos ilimitados: não ha maneira de a captar em qualquer formula ou teorema. Assim como, com a rêde, não se apanha todo o mar, assim tambem o raciocinio não abarca a face e a essencia das coisas. A razão encontrou-se, após alguns seculos de especulação, na dolorosa curbatura da sua impotencia: interrogava mas não resolvia, subtilizava, mas não convencia.

Num artigo de F. Heinemann, aparecido na «Revue Philosophique», intitulado «A Fenomenologia da Natureza em Goethe», vem o seguinte trecho:

—«*O fenomeno está morto. Eis o facto—equivalente ao «Deus finou-se» de Nietzsche—que caracterisa a situação em que nos encontramos, dentro do nihilismo radical. Porque a nossa crise, na proporção em que é uma crise do homem, manifesta-se tanto na extirpação das raíses que nos mergulhavam em Deus e na natureza, como na aniquilação do fenomeno. Destes dois factos, que não são visiveis do mesmo polo, que diferem na sua valencia e que respondem a apreciações mui diversas do sentimento, um acompanha-se do escarneo da criatura privada de Deus e é percebido com terror pela alma abandonada; o outro é ainda obscuro, incompreendido, sem calor; mas, no fundo, ambos identicos e significando a mesma coisa: a queda desesperada do homem impelido para o nada. Porque se o grito: «Deus finou-se» revela que a faculdade humana de fazer da existencia uma coisa santa está aniquilada, o outro exprime uma perturbação não menos profunda no processus humano e fundamental da faculdade geradora de fenomenos, isto é do poder, propriedade exclusiva do homem, que consiste em transformar o mundo num conjunto de fenomenos*».

Desde que encetaram a sua peregrinação da selva para a cidade, da fatalidade para a liberdade, da ignorancia para o saber, os povos viveram em contacto com Deus e com a natureza, pois descobriram assim, no seu proprio ser, o principio animador de intentos e criações progressivas. De Deus vinham-lhes a projecção no Infinito, da Natureza a projecção no tempo e no espaço.

Que fizemos destas duas inesgotaveis fontes de mocidade?

A duvida, em todas as suas formas, alçou-se contra Deus e pretendeu encerrá-lo no tumulo. A alegria dos sentidos, como a dos jardins que deperecem ao abandono, foi-se desvanecendo com a pobreza das sensações e o desenvolvimento abusivo dos conceitos.

Qual o resultado?

A humanidade decretou para si, sob a mentira de civilizar-se, o estado permanente de filho prodigo—na fase final da fome e da desventura.

Se o ceu nos é indiferente e a natureza um mero ambiente pobre de significação e conteudo, que resta de nós?

Em que direcção segura poderemos aventurar os nossos passôs?

Com as Ideias de Platão, o fenomeno, que encerra a renovação de todas as primaveras, tornara-se raquitico, por falta de humus e de seiva. Com a deserção crescente, perante os espectaculos naturalisticos que dantes nos interessavam, o homem moderno lança-se sobre a pedra nua e aguarda imovel e gelado o termo dos seus dias.

Ha dias veio nos jornais—e noticias iguais são materia corrente—que, em qualquer sanatorio da Alemanha, jazia no maior alheamento um poeta cujo nome nos passou, o qual, através do alcool e do prazer, fôra dar á demencia. Onde se lê alcool e prazer, subentenda-se civilização—elementos funestos e rebeldes duma unidade moral que se constituira lentamente pela crença, pela arte, pela ciencia, pelo trabalho e pelo respeito que a Esfinge impõe á curiosidade impaciente dos mortais. Renegar ao mesmo tempo Deus e a natureza, a contemplação e a acção, o misticismo e o realismo—eis a aventura em que se perdem as esperanças mais belas do mais nobre universo. O nihilismo radical de que nos fala F. Heinemann não nos conduz, como varios supõem, á liberação integral das nossas aspirações espirituais, porque acarreta precisamente o seu exterminio.

Por que motivo se dissolvem no pó do esquecimento as criações que se erguem da ingenua e bendita persuasão de que o universo se fabrica em nós, pela graça de Deus e pelo calor benefico da natureza?

Para isso basta que cortemos as amarras que nos ligam ao oceano intermino das renovações e das elevações—aquelas sensoriais e estas religiosas. Deus não se esgota nem termina no cabo das nossas suplicas ou no inicio das nossas blasfemias, visto que ele é o alicerce dos alicerces—o muro que não cai.

O amor que lhe dedicamos sublima-se, transcendendo as mais puras vibrações humanas, pois não ha traço que nos circunscreva o gesto de orar e pedir. Quando entendemos dever dispensar a sua presença, o seu concurso e o seu valimento, desenha-se imediatamente no campo das nossas construções a tendencia para a subversão.

Até hoje, ainda se não conta um só exemplo de vitoria do homem sobre si proprio que não seja igualmente uma vitoria de Deus no homem.

Quanto á necessidade que nós temos de permanecer no dominio da natureza, haurindo dela o fermento que nos salva do nomadismo dos civilizados *á rebours*, não é dificil mostrar que se inclue no numero das condições vitais necessarias. Nem as salas, as academias, os livros ou os discursos possuem qualquer significação que não lhes venha do barro de que somos feitos, da centelha divina que o aquece, do ar que respiramos, do sol que nos ilumina e da prodigiosa variação fenomenal com que nos revelamos á Natureza e a ela se revela a nossa sensibilidade modeladora. F. Heinemann exclama:

—O fenomeno está morto!

Que significa isto? Juntámos á Criação, de que constituimos uma ligeira particula, um véu ilusorio em que projectamos, em vez de imagens concretas e saudaveis, colhidas por nós na derivação geral das coisas, sombras imprecisas, desenhos caricaturais, nascidos de pesadelos ou de alucinações. O mundo do opio absorveu o mundo dos fenomenos.

Como poderá falar do sol quem só conhece a morbida luz dos *dancings*?

Para que serve o freudismo, como pesquizador da alma, quando o sonho lhe inoculou já o seu veneno?

As aristocracias morreram, porque o seu sangue se lhes corrompeu, na negação e na inacção. Estarão as plebes destinadas a pagar as faltas alheias, como os filhos as dos pais?

14—III—1935.

JOAQUIM MANSO

Edições da "Renascença Grafica"
Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273
RUA DA ROSA, 57, 1.º

MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO..., por NORBERTO LOPES.
PORTUGUESES EM ROMA, por NORBERTO DE ARAUJO.
O LIVRO DO NOSSO AMOR por SILVA TAVARES.
ALBUM DE CARICATURAS, por FRANCISCO VALENÇA.
BIBLIOGRAFIA DE MAFRA, por JOAO PAULO FREIRE (MARIO)

O RESTAURANTE «CHIC», da praça dos Restauradores, aberto toda a noite, dá garantia de asseio porque tem uma cozinha modelarmente montada e uma «Frigidaire» que mantem os mariscos, carnes e peixes, nas melhores condições de consumo.
Serviço á Carta, rapido abundante e perfeito.

AERO PORTUGUESA
Correio e passageiros
Entrega de correspondencia para
Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do Sul
Em todas as estações do Correio até sexta-feira, ás 17 horas
Na Central dos Correios até ás 21 do mesmo dia e sabado até ás 8
LISBOA - AMERICA DO SUL
EM 3 DIAS
Informações: **Aero Portuguesa**
Rua do Alecrim, 33 - Tel. 2 3.71
Agencia Havas - Wagons Lits - Cook

Notas em circulação

ROSA DOS VENTOS

A Semana da Bondade

por Norberto Lopes

Com algumas palestras nas escolas, meia duzia de conferencias ao microfone, duas ou três sessões de cinema educativo e uma distribuição de milho aos pombos do Rossio, fabricou-se uma «Semana da Bondade».

Simpatica iniciativa, que merece todo o nosso respeito pelas nobres intenções que a inspiraram, querenos parecer um pouco ingenua quanto aos seus resultados praticos.

Organizada pela Sociedade Protectora dos Animais, a «Semana da Bondade» alargou a sua esfera de acção aos proprios seres humanos, aconselhando amor e carinho para os fracos, respeito pelos velhos, consolação para os infelizes e indulgencia para os pobres de espirito.

A's crianças ensinou-se como devem praticar o bem; aos adultos explicou-se a fisiologia da bondade; aos pombos distribuiu-se milho; aos cegos, bengalas; neste cinema exibiram-se filmes de propaganda; naquele gremio executou-se musica de «jazz-band»; aqui, falou-se; ali, comeu-se; acolá, dansou-se.

E tudo isto sob a égide respeitavel da Bondade.

Uma palestra ouvimos nós em que uma senhora confessava que num dos dias de Carnaval passara, alegre e despreocupada, por uma casa de diversões em cujos degraus viu uma pobre mulher com cara de sofrimento, mais carecida de assistencia medica do que propriamente da esmola que os transeuntes generosamente lhe deixavam cair no regaço.

Julgam que essa senhora parou e se aproximou da mendiga para lhe prestar a assistencia moral ou material de que ela carecia? Não. Ela propria confessou, embora cheia de remorsos, que passou adiante e só mais tarde reflectiu e pensou se não teria feito bem procurando levar um pouco de conforto áquela mulher que sofria enquanto os outros se divertiam á sua volta.

Claro que esta historia não passa dum exemplo inventado para sugerir aos outros a pratica do bem, e estamos convencidos de que se aquela boa senhora tivesse encontrado realmente no seu caminho a pobre mulher que nos descreveu com palavras tão compungidas, os seus bons sentimentos não deixariam de realizar um milagre de bondade ou de praticar um dever de solidariedade, como lhe queiram chamar.

A palavra «bondade» parece-nos até um pouco deslocada, neste caso, e representa uma especie de afronta á dignidade humana, que não se compadece com altruismos inuteis e degradantes. Não se trata de ser bondoso, trata-se de ser justo. E a justiça não está na nossa mão concedê-la ou negá-la. Reside mais alto, a sua essencia é outra, e não se alimenta de milho, como os pombos mariolas do Rossio...

NORBERTO LOPES

■

Stendhal não gostava da terra em que nascera e se criara — Grenoble. Escreveu mesmo que a odiava. Isto parece ter indignado algumas pessoas e especialmente, já se vê, os seus patricios, apesar de tudo orgulosos da gloria do grande escritor. Mas acodem logo os seus admiradores incondicionais — e quem o não será entre aqueles que o leem e entendem? — e dizem que Berlioz, o musico celebre, detestava a provincia natal, e que mais modernamente Mauriac não adora tambem Bordeus, berço do famoso romancista catolico. Assim encontram companheiros de bom quilate para Stendhal, no que se refere á perfeita ausencia de patriotismo de campanario. O caso não nos parece de importancia transcendente. Tem interesse puramente anecdotico. Tanto mais que nenhuma das notabilidades citadas revelou alguma vez menos espirito de civismo. Antes pelo contrario. Beyle andou nas guerras napoleonicas (adorava Napoleão), sofreu os horrores da travessia do Berezina, e cantou em todos os tons a benefica influencia dos franceses na Italia. Berlioz sentia a França até ao fundo de alma. Mauriac é patriota firme. Que mal virá á literatura da pouca simpatia que todos eles manifestam pelo clima da primeira infancia? Provavelmente, foi-lhe hostil. Bem vistas as cousas, o que fica afinal patente é a perene juventude de cada um. Os velhos, os velhos de coração, perdoam tudo, porque tudo se lhes torna indiferente... A indulgencia exagerada nunca é sinal de mocidade...

■

Num dos ultimos numeros da «Revista da Academia Brasileira de Letras», *importante publicação que tantos serviços tem prestado e presta á cultura do seu país, encontramos o relato da sessão de homenagem á* «Noite *Ilustrada», pela oferta do monumento comemorativo do concurso do mais belo verso brasileiro. Como se sabe, foi premiado, isto é, obteve a maior soma de votos o patriotico verso de Castro Alves* «Auri-verde pendão da minha terra». *Por ocasião da festiva cerimonia, e em resposta ao discurso do representante da* «Noite Ilustrada», *o sr. José Maria Belo, o eminente Afranio Peixoto proferiu uma ovação eloquentissima, da qual nos permitimos destacar este pequeno, mas luminoso resumo da evolução da poesia brasileira na sua luta pela completa independencia das correntes europeias:* — «A poesia brasileira foi colonial até meado do seculo XIX. Classica e arcadica, a principio, imitando os modelos lusitanos; quando veio o romantismo, continuou a inspirar-se, se não nos motivos, na forma portuguesa; no Gonçalves de Magalhães dominam os temas europeus, e Gonçalves Dias, apesar dos seus selvagens, que são fidalgos e cavaleiros andantes, é genuinamente lusitano, na idéa e na forma. Alvares de Azevedo imita Byron, suprindo com o genio a inexperiencia de adolescente. Junqueira Freire, levado pela paixão ao claustro, precedera Antero de Quental no misticismo filosofico. Só Casimiro de Abreu, pela sensibilidade magoada, Fagundes Varela, pela inspiração da natureza, começariam a ser verdadeiramente brasileiros. Castro Alves, esse, foi completamente brasileiro, na sensibilidade, na forma, na idéa, sentindo a natureza do Brasil, apaixonando-se pelos ideais brasileiros, manifestando-se com uma pujança, um colorido, uma espontaneidade, um arroubo, uma originalidade, até então desconhecidos, e até agora não igualados nas letras nacionais». *E Afranio Peixoto termina a sua magistral evocação do poeta citando o conceito de Antonio Nobre que o chamava* «o maior poeta brasileiro».

Feliz terra, o Brasil, onde a literatura e a poesia recebem a cada passo consagrações desta ordem, e onde se esculpe um monumento só para nele inscrever um verso, aliás imortal! Não deixa. porém, de registar-se que a iniciativa da «Noite Ilustrada» *partiu dum português de nascimento, embora já brasileiro de alma, o nosso ilustre compatriota João Luso, escritor de larga e merecidissima fama.*

■

A crise editorial tem atingido quasi todos os paises da Europa. A literatura sofre de grande com tão dificil e grave estado de cousas. Entre nós, é o que se sabe... Mas parece que a Inglaterra escapou a essa crise: — em 1934 publicaram-se ali 15.628 obras novas aproximadamente, diz um jornal, mais 600 do que em 1933. Em janeiro deste ano saíram 1.156 livros inéditos, mais duzentos do que no mesmo mês do ano passado. Isto significa, sem duvida, que o publico ledor aumenta em Inglaterra, e que o interesse pela vida intelectual é ali cada vez maior. Mas ha tambem o reflexo da prosperidade geral. O livro, ai de nós! ainda é um produto de luxo.

De luxo e de gosto. E' bom sinal, porém, que nas nações onde existem possibilidades de gosto e de luxo estas incidam sobre a cultura do espirito, e não sirvam apenas para aumentar o conforto material da vida

■

Diz «Le Figaro» que o sr. João Luiz Vandoyer publicará em junho um livro de impressões de viagem, entre elas as recolhidas na sua vinda a Portugal. Vandoyer é um espirito de rara elegancia mental e subtis dotes de observador. Esperemos que a nossa gente, as nossas paisagens e a nossa literatura lhe mereçam paginas dignas do seu nome ilustre e do país João Luiz de Vandoyer tem, pelo me-João Luiz de Vaudoyér tem, pelo menos, o dever — e de certo o cumprirá — de não nos olhar e apreciar com visão superficial de prosa nociva a um exacto conhecimento da alma e das cousas portuguesas.

"FLÔR DO CHÁ"

A historia da mocidade sangrenta

Ele tinha-se imposto, muito novo,
e o seu orgulho de despota recente
só entendia a mocidade.

(Ser novo é ter no sangue as trevas da certeza,
e na alma as claridades da ilusão.
Ser novo é querer,—sem ter alcançado
o sereno julgamento de quem possuiu.
Ser novo é ser verdadeiro
para além das belezas da mentira).

Ardente da vitoria alcançada
ele quiz formar uma Cidade Nova.
E mandou degolar todos os velhos,
como Herodes, depois, mataria inocentes.

Da face do seu mundo desappareceram
todos os achaques, todos os passos tropegos,
todas as vozes lacrimosas, todas as rugas
e todos os cabelos brancos.

A mocidade, a grande mocidade
iria enfim,—reinar sozinha.

Aconteceu porém coisa inesperada.
Nos berços, que esses velhos embalavam
para os fazerem ir ao mar brando dos sonhos,
as crianças que tambem lhes ouviam historias
e a quem a paciencia de avós alimentava,
Não entenderam mais seus berços sem ternura
não mais aceitaram a escravidão de dormir.
não mais aceitaram a escravidão de dormor.
E definharam.
E morreram.

(O passado não importa ao presente;
só é indispensavel ao futuro).

Pela Cidade Nova, os novos, quando viram
morrer todas as crianças da cidade,
—maldisseram a sua viteria;
mas era tarde, porque tinham vencido.

Pouco tempo volvido,
todos os novos da Cidade Nova
tinham o cabelo branco,
que é a maior tragedia deste mundo
quando lhe falta, num berço proximo,
para a embalar,
—a unica eternidade que existe.

Da colectanea de «Canções chinesas» que vêm sendo publicadas por

THOMAZ RIBEIRO COLAÇO.

Cartas de Napoleão a Maria Luiza

Esta valiosa colecção de 318 cartas, largamente comentadas, reünidas em volume, profusamente ilustrada com 57 gravuras de página, impressas em separado e 21 cartas fac-similadas de Napoleão, será posta à venda em 18 DE MARÇO PRÓXIMO.

Cartas de amor, energia, diplomacia e amargura. Três anos de glória, heroísmo e decepção.

As Cartas de Napoleão a Maria Luíza serão postas à venda no mesmo dia no mundo inteiro, em vários idiomas.

Nunca na história do livro tal facto se deu e nunca um livro histórico foi tão àvidamente esperado.

E' exclusiva a sua publicação em volume para Portugal e Brasil da **Livraria Lello Limitada,** *do Pôrto.*

Dirigir os pedidos de Lisboa e Sul do País para a

Livraria Aillaud & Lellos, Limitada

R. Nova do Carmo, 80 a 84 — LISBOA

UM CONTO POR SEMANA

AMORES, AMORES!

POR AQUILINO RIBEIRO

Numa casa de antiquario da Charlottenshasse ha duas empergadas, ambas mocinhas: uma franzina e loira como o trigo em messe, Anna Lise; outra morena e solida, simpatica se bem que diminuida pelo encanto singular da companheira, Gertrud. Fernando G., filho de gente rica em bens de raiz e papeis publicos, que vim encontrar em Berlim a fingir que cursa a Escola de Engenharia de Charlotemburgo, tomou-se de amores com a loira. Ele, que é vivo, tem olhos e tês de moiro, condição para a mulher alemã gostar dum estrangeiro, mas bisonho afirgura-se-me em negocio de mulheres, supondo que o português deixa alguma vez de sê-lo, está preso pelo beiço e sente-o. E como ele seja apegadiço e ela arvéloa, quando estão comigo passam o tempo a debicar-se.

Todas as tardes, ás sete, hora de fechar, Fernando é testo no passeio de frente, arrastando os passos de cá para lá, um olho para a *Unter den Linden*, outro para o relogio, ambos para a grande vitrina através da qual, entre jarrões da China e falsos Della Robia, se vêem doidejar os cabelos vaporosos de Anna Lise. Sucede-me ás vezes, ao sair da Biblioteca, surpreendê-lo naquele ledo manejo e fazer-lhe uns minutos de companhia. De facto, a cabeça da pequena, entre a faiança especiosa, tem não sei quê de espiritual e sonhado. Admiro-lhe o cabelo esparrinhado como leve nuvem de oiro sobre as têmporas, o nariz fino e de arrebite, o creme do rosto translucido, miudinha de talhe, mais francesa que germanica, antes do Hanovre que da Prussia, e lembra-me daquelas figuras pre-rafaelistas, cujo movimento era sacrificado á forma e a forma sujeita ao ambiente.

A's sete horas as duas empregadas saem a par com o patrão e, depois de puxarem sobre si a corrediça de aço, cada um vai a seu destino, sem rebuço, Anna Lise a ter com Fernando que a espera defronte, Gertrud com o amante actual, pintor de arte. Esta ausencia de hipocrisia equilato-a da melhor moral.

Em certos dias Anna Lise alevanta mais cedo do armazem; foi visitar uma prima; conduzir a irmãsita ao medico; fazer compras ao Wertheim, dar umas voltas não especificadas, e o portuguesinho queda sobre brazas. Vinga-se então em cobrir de improperios e satirizar Alemanha e alemães, ele que adora esta terra em virtude da lei dos contrastes ou porque represente na sua vida, até ha pouco filho familia sempre debaixo das asas maternas, o goso da sua maioridade ou lhe deva a finesa insolvavel de lhe haver revelado o amor. Porque o meu tresloucado patricio ama do amor que geme, arrulha, chora e barafusta, do amor que não deixa dormir a gente e, se deixa, acorda-nos altas horas, em sobressalto, para recortar contra o negrume da noite, aos olhos da alma, radiosa e fascinadora, a amada, seja bem embora a inefavel ou a tirana. Por isso eu suponho que Fernando, habitante de Berlim vai em dois anos, está cativo da Alemanha mais por movimento do coração do que por envite da consciencia.

A loja da Charlottenstrasse, quando ali passo, o que de ordinario me acontece duas vezes ao dia, mantem-se invariavelmente ás môscas. Bem se agitam atrás do cristal magnifico, impecavel de brilho, entre potes do Japão e bizarros Saxes, a cabecinha seculo XVIII de Anna Lise e, mais atrás, na segunda esfera, Gertrud, a trigueira. O patrão, que apenas surge á boca da noite, deve andar em trocas baldrocas pelo vasto Berlim. E o milagre que aguenta á tona das falencias aquela casa sem fregueses não me interessa nada. Interessa-me, sim, o problema psicologico, que ainda não pude, penetrar, da pequena Anna Lise. Que ha dentro daquela cabecinha de ave do paraiso? E o seu coração acaso andará desconcertado como agora anda, moral e materialmente, esta imensa cidade? Fui com o par a um cinema de Unter den Linden vêr a primeira do super-filme *Die Stadt verboten;* levei-os ao circo Schumann; ofereci-lhes um passeio de carro no Tiergarten e almôço em Potsdam. Através de itinerario tão vasto não vi desprender-se-lhe do rosto aquele sorriso inverniço, gentil sem duvida, mas inverniço, ou melhor, nelado como as pétalas brancas das camelias depois de lhes gear. Pareceu-me sincera nos transportes com Fernando e, todavia, nada mais destituido de calor; meiga e doce e, mesmo assim, com o quanto de perversão suficiente para se deliciar com as torturas do amante; inconsciente do bem e mal que fazia e surpreendeu-me a pedir desculpa de futilidade que apenas remissivamente era agravo; não raro a imaginei ao pé de nós e, de repente, reconhecia que acordava longe. Tanto as diversões da cidade como os prazeres do campo não tiveram a virtude de lhe descongelar a expressão um pouco parada de serafim. No Wertheim, como traja com modestia mas decencia, sendo daquelas a quem um vestido novo de chita e uma touquinha de nada transformam em princesas de balada, ainda se enterneceu quando Fernando a pôs diante dum chapeu rico e duma robe que tambem não era barata. Fernando por ela arruinar-se-ia sem pestanejar se o pai fôsse de qualidade a pactuar com o filho prodigo; as mesadas chegam pontuais, mas inflexivelmente exactas, ao fim de cada mês. Periodicamente o enamorado vive á larga cinco dias contra vinte e cinco de rosa divina. Mas de tais apuros e ralações não quere a mocinha saber.

No domingo passado reservara ela o dia todo para si, dando como escusa ir visitar uma parenta á Charité. Pouco depois do meio dia entra-me pelo quarto dentro Fernando a desafiar-me para uma passeata. Acedo e eis-nos subindo Unter den Linden, inflectindo á direita pela Neue Willelmstrasse, insensivelmente dirigido por ele como cego pelo guia. Ao começo de Luisenstrasse compreendo e digo-lhe:

—Vamos á Charité?

—Se lhe não custa...

A visita é das duas ás três e essa hora maciça passamo-la discorrendo através da longuissima avenida interior que costeia o hospital de cabo a rabo, ôlho nas portas por onde devia sair Anna Lise. Tempo perdido; de certo a rapariga estava longe dali em corpo e pensamento. Cá fóra, na rua, ao desandar para o nosso bairro, mirifica e estupendamente avistamos a nuvem de oiro dos seus cabelos num café bastante rasca. Estava entre dois rapazotes, dêstes que dobraram da infancia para a adolescencia durante a guerra, enfezádos, pálidos, de olhar desconfiado, e de que pela cara não se sabe ao certo que idade têm: Fernando, arrastando-me, entrou branco como a cera, e foi sentar-se ao fundo. Anna Lise ficou imperturbavel como se nada de novo tivesse ocorrido que afectasse a sua pessoa. Mas foi um instante de perplexidade interior, se a houve. Ergueu-se da mesa com os ademanes mais naturais dêste mundo e veio ter com Fernando, limitando-se a dizer que entrara ali com amigos a tomar uma laranjada. O seu sorriso era o de sempre, apoucada frutà serodia e o olhar angelico e purissimo; que se lhe havia de responder? Fernando contentou-se em beber-lhe na expressão serena o reconforto relativo de que necessitava e os dois gabirus acabaram por vir sentar-se á nossa mesa, fumar dos nossos cigarros, beber as cervejas que nós pagámos e, ainda por cima, lhes deixámos Anna Lise.

—Vou romper com a galderia—pronunciou Fernando rua fóra, depois de entrar dentro de si.

—Porquê? Outra qualquer não será muito diferente...

—Ora essa!...

—Quere que lhe fale franco, mas franco? Ouça, esta rapariga era para mim um enigma, mas creio que já o decifrei. Quantos anos tem ela, dezanove, não? Repare, é filha da guerra, mas legitima, consanguinea, para lá do maximo que o somatório atávico pode imprimir de caracter em corpo e alma. Teve frio, teve fome, viu os seus e os vizinhos serem ceifados pelo ferro. Coitadita, pode ela ser capaz de encarar as coisas da vida doutro modo que não seja como simples pretexto de passar o tempo?! As peçonhas da alimentação esfalcaram-lhe o corpo, enquanto a dôr e o sofrimento lhe roíam o coração. Que espaço lhe ficou nele para o amor? Essa paixão generosa que parece dilatar os horisontes diante dos olhos, que dá mais fervor aos sentimentos, mais decisão aos actos, que anda dentro de nós cmo novelo de lume, nos aligeira o passo e nos desembaraça os gestos, essa não a conheceu nem podia conhecer ela. Conheceu, porventura, dêsses abraços freneticos, dolorosos, mais de piedade que de lascivia, dados ao soldado em licença, na vespera de marcha, cadaver talvez dali a dias. Assim deve ter perdido a pureza de lirio, coisa sem significação, neste caso, para ela, para o mundo, para o proprio Pai do Ceu. Não fique com ciumes por tê-la visto com aqueles mocetes, saídos do mesmo cadinho de martirio que ela, dir-se-ia hermafroditas. Os beijos dêles, pobre gente, afloram na pele, não devem morder como aquelas bôcas que apenas se satisfazem da possa sorvendo até o sangue. Notou já que Anna Lise não tem positivamente gosto em viver? Quem sabe—e desculpe que lho diga—se aquele fisico delicado não está a ser o teatro de drama tremendo, a natureza que simultaneamente encetou a sua obra de sapa e de insensibilização? O desencanto de viver provoca o abandono dos respeitos proprios, alijamento de receios sociais e ainda rebeldia perante aquele constrangimento organico que nas mulheres determina a castidade em despeito das solicitações do sexo. Anna Lise é como tantas dessas outras que á noite encontramos no Café Bauer e da minha janela vejo dirigir-se, meio sorriso nos labios palidos, outro meio sorriso na alma lamentavel, para o circo de cavalinhos que improvisaram á beira do viaduto da Friedrichstrasse com tábuas de pinho, como em feira sertaneja, e a que uma fanfarra estridente chama a escumalha desta cidade que foi sadia e soberba. Já reparou para êsse circo? Veja e diga-me depois se a Alemanha não está no ultimo grau da demencia e da ruina moral.

—Pois assim será mas eu rebento com ela. Está decidido.

—Não está.

No dia seguinte Fernando procurou debalde Anna Lise na Charlottenstrasse. A' hora de fechar abeirou-se de Gertrud ansioso e gemebundo.

—Anna Lise foi passar o dia a Furstenwalde com amigos—disse ela —Homem não se confranja. Então não sabe que Anna Lise tem muitos amantes e não tem nenhum, ou tem quando muito um que é o senhor? «Klein Tier—ouvi-lhe rugir. Nós, as alemãs, não sabemos o que isso é. De facto, o senhor merecia melhor. Porque não gosta antes de mim?

Berlim, 1920.

AQUILINO RIBEIRO

IMAGENS DE PORTUGAL

A Procissão, *desenho de Octavio Sergio*

Dez minutos com Poetas modernos

Silva Ramos

(Luiz de Montalvor)

Luiz de Montalvor é o pseudonimo elegante. O seu monoculo de poeta, cristal limpido, através do qual, maravilhosamente, como na esmeralda de Nero, as imagens se reflectem com o fulgor das estrelas. O seu nome prosaico, terreno, humano é Luiz Ramos, mas esse anda quasi sempre esquecido, vencido pela força espiritual duma alma que não se rende, nem se entrega ás seduções e aos interesses do mundo.

Teimosamente, continua a ser poeta, sem nada perder da sua sensibilidade, no comercio da existencia. Espirito curioso, fino, penetrante, de amizade transparente e de admirações sinceras, a ele se deve a iniciação do *Orpheu*, sulco admiravel, de transcendente lirismo, cuja luz, apesar de extinto o foco, persiste ainda nas nossas letras, tal qual as estrelas que morrem, mas cuja chama sobrevive na nocturna parabola do espaço.

Luiz de Montalvor foi o primeiro que empunhou a lira do *Orpheu*, deus barbaro e, mais tarde, feito *Centauro* mitico, revelou ao mundo ocidental, a obra desse estranho poeta, que foi Camilo Pessanha.

Tem dois livros: *Noite de Satan* e *A Caminho*, dois titulos, que dizem, sugestivamente, das suas codenadas espirituais. Hoje, Luiz de Montalvor, esquecendo-se que é um admiravel poeta, mas não que é um esteta onda obsediado pelas artes graficas. As edições na sua mão — veja se a *Arte Negra*, com Diogo de Macedo; *Aires de Ornelas, Mundo Português* e essa obra monumental que é a *Historia do Regime Republicano*,—são maravilhas de estilo, Montalvor ajusta o seu monoculo e vai falar:

—Pensa publicar algum livro de poesias?

—Em verdade lhe digo que penso.

«Abjurados os metodos antigos, a *crise* lirica, simplesmente a lirica, penso reunir em volume os varios casos da minha poesia dos ultimos dois lustros.

«Difundida largamente pelas revistas da vanguarda modernista dos ultimos anos, ficaria a minha tão discreta poesia, se a não reunisse num volume, como que periodica, hebdomaria, episódica.

«Mallarmé e Beaudelaire (salvo as grandes diferenças, os divinos abismos, e isso é lá com eles) só publicaram tardiamente, no transito segura dos 40 anos, os seus definitivos livros de poesias.

—O valor, o significado da poesia?

—Dificil, meu amigo, dificil de explicar. Antes, contornando o assunto, com cautela, com prevenção. Situam-na uns no Parnasso, de onde lhes vêm tudo, no deleitoso convivio com as Musas, e na aprendizagem com elas. São os filhos de Apolo.

«Outros conjuram-na na latitude do coração humano. São os cardiacos da poesia, os mimosos da sincope louca.

Eu tenho para mim que a poesia é o encontro propicio do homem com o Universo, do homem consigo mesmo se prefere.

—Concorda com a expressão da poesia moderna?

—Se concordo. Ela representa dignamente a conquista do espirito do homem moderno.

«A nova idade daop oesia é, na sua essencia, a revelação do homem interior. E' assim depois de Beaudelaire. Marca esse grande poeta francês a balisa o termo de separação de duas humanidades poeticas. Por outras palavras relembrando a sintese admiravel de Eça de Queiroz dirigida a Fradique Mendes. «A arte de V. Ex.ª é um marmore divino com estremecimentos humanos».

«Esclarecendo: uns ficaram do lado do *marmore divino:* são os obreiros da filigrana; outros, que somos nós, votamos pelos *estremecimentos humanos*. Somos o Homem!

FANTASIA

Ha uma mulher em toda a minha vida
Que não se chega bem a precisar.
Uma mulher que eu trago em mim perdida,
Sem a poder beijar.

Ha uma mulher na minha vida inquieta.
Uma mulher? Ha duas, muitas mais.
Que não são vagos sonhos de poeta,
Nem formas irreais.

Mulheres que existem, corpos, realidades,
Têm passado por mim humanamente.
Deixando, quando partem, as saudades,
Que deixa toda a gente.

Mas coisa singular, essa que eu não beijei,
E' quem me ilude, é quem me prende e quer.
Com ela sonho e sofro. Só não sei
Quem é essa mulher.

CONFISSÃO

Vivo um drama interior.
Já nele pouco a pouco me consumo.
E de tanto te buscar,
Mas sem nunca te encontrar,
Sou como um barco sem leme,
Que perdesse o rumo,
No alto mar.

Da minha vida, assim,
O que vai ser nem sei,
Dias alegres houvesse...
E os dias são para mim
Rosas mortas de um jardim
Que um vendaval desfizesse.

Tenho horas bem amargas.
Eu o confesso,
Eu o digo.
E se tudo passa e esqueço,
Esquecer o teu perfil
E' coisa que eu não consigo.

Sofro por ti. O frio do que morre
Amortalha a minha alma em saudade.
Atraz de uma ilusão a minha vida corre,
Como se fôra a andar atraz de uma verdade.

A Deus peço, por fim, o meu sossego antigo.
Não me persiga mais o teu busto delgado.
Passo os dias e as noites a sonhar contigo,
Na cruz da tua ausencia estou crucificado.

A tua falta sinto. Não o oculto.
Oculta-la seria uma mentira.
Vejo por toda a parte a sombra do teu vulto,
Teu nome é para mim um mundo que me inspira.

E em hora derradeira,
Um dia, quando
A morte para mim vier,
E aos meus olhos chegar,
Eu não terei sequer, á minha beira,
Uns dedos finos de mulher
Que mos possam fechar.

QUIMERAS

Ha na minha vida quimeras distantes,
Quais nuvens errantes, em dias atrozes.
Eu corro atraz delas, mas elas, por fim,
Perdem-se de mim, no horizonte, velozes.

Ha no meu diario silenciosas dores,
Quais flores que o vento desfaz de manhã.
Com elas me embalo nos dias soturnos,
Dir-se-iam *Nocturnos*, lembrando Chopin.

Ha no meu caminho nem sei bem o quê.
Alguem que me vê e que eu não visiono.
São meus dias passados, meus dias de infancia,
Sabendo à fragancia das tardes de Outono.

Saudades, saudades, sentido da vida
Um dia vivida e que não volta mais...
Meus dias passados, sobre eles me debruço,
No eterno soluço das coisas mortais,

Ha na minha vida um viver ficticio,
Fôgo de artificio esplendente e altivo.
Eu vejo-o enlevado, um instante fugaz,
Depois se desfaz na noite em que eu vivo.

Ha na minha vida ignotas tristezas,
Pequenas certezas a que me apeguei;
Com elas eu vivo, com elas eu morro,
Para meu socorro é que eu as criei.

Quimeras, quimeras, fumo de cigarro,
Cachimbo de barro que um dia parti,
Nas horas de frio, a elas me aqueço,
E se tudo esqueço, lembro-me de ti.

Alfredo Brochado

POMBOS CORREIOS

● Mario de Sá que, em tempo, nos deu uma curiosa «Explicação do homem», ensaio filosofico de grande penetração intelectual, promete para breve um livro intitulado: «As extremidades da terra».

● Guy de Oliveira acaba de publicar, nas Edições Gleba, um ensaio, com o titulo: «A Dôr».

● Está no prélo um livro postumo de grande e saudoso humorista André Brun—«Consultorio Psicologico».

● Anunciam-se para breve «Tragedia de Tiburcio», de Moura Vitoria e «Homens que passam», de Vitor Santos.

● Passa no dia 22 de maio o cinquentenario da morte de Vitor Hugo o maior genio da literatura contemporanea. A França prepara-se para fazer ao autor grandioso dos «Miseraveis» uma homenagem de caracter nacional e universal. Para esse efeito o ministro da instrução francesa vai propor ás camaras um projecto de lei, que deve ser votado por aclamação. O que dirá de tudo isto Claude Farrére, que ha tempos, num artigo escandaloso e cabotino pretendeu diminuir a obra do grande Hugo?

● Cecile Sorel começou a publicar as suas memorias no «Candide». Se o seu fisico envelheceu, o seu espirito está em plena juventude. As memorias são interessantes, embora pequem por excesso de literatura. A «Celiméne» não deixa os seus creditos por mãos alheias.

● O artista Alvaro Canelas publica, brevemente, um livro de poemas, em português e francês, com o titulo: «Ave Maria».

● Saiu agora nas edições Patria, «Genealogia da Arte Gotica», de Fernando Pamplona.

● João de Castro Osorio tem prontos três livros de poemas.

● Acentua-se a crise editorial em Espanha, com caracteristicas curiosas. Os livreiros publicaram tanta coisa que saturaram o mercado, o que determinou a restrição da produção. Os autores encontram-se seriamente aflitos. para editar as suas obras.

● André Malraux, premio Goncourt e autor de dois livros celebres «Conquerants: e «Condition Humaine» começou a publicar, na «Nouvelle Revue Française», um romance, intitulado: «Le Temps du mepris». O ambiente da obra é localizado na Alemanha hitleriana.

● Saiu agora, em Espanha, uma antologia da moderna poesia nacional, seleccionada por Gerardo Diego

● O grande critico e escritor francês Jean Cassou iniciou nas «Nouvelles Literaires», uma serie de estudos com o sugestivo titulo: «Pour la Poesie». Trata-se duma rehabilitação de lirismo, feita com notavel inteligencia e sentido critico.

● Maria da Cruz Sobral, que na literatura infantil, firmou um nome prestigioso, publicou agora «Os Tamanquinhos do Gregorio», novela para pequeninos admiravel de imaginação e de ternura.

● «Promessa», assim se intitula uma peça de Jorge de Castro, editada pela «Seara Nova». Trata-se duma obra de notaveis qualidades dramaticas, que afirma não uma «promessa», mas a realidade dum homem de teatro.

● Saiu agora um livro do visconde de Vila Moura, intitulado «Novos Mitos». O mesmo autor prepara outro, com esta legenda: «Piedade».

Quintão, L.da (Decoradores)
Apresentam mobiliario moderno para todas as aplicações
Estofos, cortinados — Bibelots, candieiros
AS MAIORES NOVIDADES
RUA IVENS, 44—LISBOA
TELEFONE 28089

Cassiano Neves CLINICA MEDICA
CONSULTORIO
Praça de Camões, 6, 1.º—Consultas ás 16 horas

MANTEIGAS MAIS BARATAS
só
na NOVA CASA DAS MANTEIGAS
R. DA PRATA, 88 e 90
De Vizeu com sal k.s... 16$00
» Paredes de Coura m/sal k.s 18$00
Finissimos queijos da Serra e mais procedencias
Pedidos pelo telef. 20348

CRÍTICA LITERÁRIA

Já nos ocupámos em «avant premiére» desta obra meritoria a que hoje vamos fazer rapida referencia, sem propositos criticos, que aliás a obra elevadamente merece. E' Portugal um país—têmo-lo escrito varias vezes, após lições que o jornalismo experimental oferece—em que os trabalhos de um homem, ao serem apreciados, sofrem ou beneficiam do conceito pessoal em que, através da simpatica politica ou das afinidades espirituais mais legitimas, se tem o seu autor. E esta pecha atinge de preferencia os criticos ou comentadores classificados, já pela sua autoridade, já pelo posto alto que a sua eventual tribuna representa.

As ideologias ou sinais dela—e ás vezes não passa de sinais—colocam os homens a distancia. E' mais que frequente observar que um critico não sabe ter mão sobre si; não consegue aproximar-se mais da obra e vê-la desempoeiradamente, quando se trata de falar dela, ainda que seja por força de ministerio

O Romance (1.º vol)

por *Alberto Xavier*

E' o primeiro volume de uma obra de folego que o dr. Alberto Xavier concebeu, e a que penosamente se entregou: «O Romance—alguns aspectos da sua evolução na literatura europeia». Planifica-se dos quadros romanticos (em definição larga) do seculo XIII ao seculo passado, passando pelas transformações do seculo XVIII, ao romantismo (escola) ao realismo, ao aspecto contemporaneo.

E' uma obra vasta, e que, senão fôra o metodo que o autor diz ter adoptado daria para uma vida. Repetimos a pergunta feita ha tempo. «conseguirá o dr. Alberto Xavier realizá-la?».

O primeiro volume publicado vai do seculo XIII ao seculo XVI. Como se trata de uma sintese, e mais narrativa do que critica, as 350 paginas do livro comportam os ciclos visados.

O que ha a atender, para entender a obra antes de a julgar—e julgá-la não é o nosso caso—é o metodo».

Muito bem, ou habilmente, se alivia o autor da tremenda responsabilidade quando adopta o processo das hegemonias. Isto é: o dr. Alberto Xavier reduz, saindo fora do imperio do dever critico (pois de critica se deveria tratar). Considera apenas as epocas mais brilhantes das hegemonias literarias conquistadas por certas nações em dados periodos literarios. Para o primeiro volume França, Italia e Espanha, e destes países o autor recolhe as obras «padrão», e podemos anotar: as da sua leitura ou simpatia.

Absolve-se o autor previamente:

«...um livro com os intuitos deste («tentativa» escreveu antes), obedecendo a um plano de conjunto metodico, concatenado, «isento de preocupações cientificas e eruditas...» (Pagina 14).

«Não tendo nós tido o pensamento de executar uma obra de investigação erudita, «ela é completamente desprovida de todo o aparato cientifico».

ALBERTO XAVIER

E' afinal uma obra de iniciação, de estimulo ao bom gosto literario nos alicerces culturais, «livro de literatura atraente, aprazivel e acessivel a todos, de exposição clara e simpatica»—previne o autor.

Assim ha que considerar a obra. E assim ela venceu inteiramente.

No capitulo com que abre este primeiro volume, após a apresentação, e que se intitula, «A fortuna do Romance», o autor surge como ensaista.

Os seus conceitos podem ser discutiveis, e sê-lo-ão com certeza nalguns passos, a sua exposição pode não ser tão clara como Alberto Xavier deseja ou supõe que é, mas o capitulo tem um manifesto interesse critico.

Exalta o genero «romance», sobretudo em prosa, incluindo na definição as simples pastorais, o balbuciar da imaginação trasladada ao redondo, mesmo antes de o redondo movel ser forma grafica. Refere-se com justeza á degradação moderna ou contemporanea do romance, ainda que sem apontar modelos, o que seria contingente. E nessa rasgada apreciação, de superficie critica evidentemente, e quando objectiva as finalidades deste eterno literario, colocando-se já na sua época—oblitera o romance social ainda que se entenda que foi por lapso, ou que se subentende.

Não nos parecem bem escolhidas as citações de Pedro Camus e de Daniel Huet, quando o autor vislumbra o objectivo moralista do romance. Os arcebispos de Belley e de Avranches colocavam-se dentro de um ponto de vista «restrito» e «parcial»; nenhuma obra literaria—e isto já responde ás doutrinações postiças de hoje—e nomeadamente a obra de ficção, para ser bela, forte e generosa, se pode contar dentro dos limitados ambitos de uma policia de costumes.

A moral do romance—dizemos nós—resulta da espontanea e natural concepção e desenvolvimento do tema. Considerar o romance digno apenas o romance proselito—é inanidade. Não se pode impedir o romance desbragado como não se podem impedir os maus costumes. Condenam-se; não se lêem.

A exaltação do romance é, porém, bem feita neste capitulo-introito. Imagem da vida, reflexo de uma epoca—historia natural de costumes e de povos: agua forte de ciclos para outros ciclos—o romance viverá, julgamo-lo tambem nós, e afirma-o antes o autor.

Como realizou o dr. Alberto Xavier neste primeiro volume o seu plano?

Como narrativa e exposição—suficientemente. E' uma prova de exame, brilhante para um iniciado.

Devemos dizer: a divisão das materias pareceu-nos confusa, ou melhor: o que fica confusa é a ordenação dos «materiais» que o autor carreou em alguns prolongados anos de estudo. São lições, expostas ao sabor dos «conhecimentos apreendidos».

E' esta a impressão que colhemos. Se é errada—é leal. A explanação que fazemos abaixo pode dar uma idéa contraria do que enunciámos; a leitura atenta, porém, talvez nos dê razão.

Vejamos:

O primeiro volume divide-se em três partes: Romances de Cavalaria, A Pastoral no Romance, e Romances realistas e de costumes.

Na primeira parte, que abre com um panorama sintetico «A Cavalaria e a Literatura»—e que merecia mais largo ensaio—dá o papel da França, com o grande «Lançarote Graal», em prosa, e o logo o «Amadis de Gaula», de Garcia Rodrigez (Ordonez) de Montalvo, e depois —e a que titulo de ordenação—o «Romance de Amadis», de Lopes Vieira, quando era preferivel, por original, o autor reportar-se aos proprios Amadises dos Lobeiras. Por que o não fez, senão por interposta linha?

Salta para o «Palmeirim de Inglaterra», de Francisco de Morais, sequencia logica da obra retumbante de Montalvo.

Esta primeira parte parece-nos insuficiente, embora os capitulos se leiam com deleite, e possuam um merito intrinseco, como ensaio rigoroso e acima da trivialidade média.

A segunda parte—pastorais—dá o papel da Italia, com a invasão (que o foi) de pastores na literatura europeia, e disserta sobre a «Ninfale d'Ameto» de Boccacio, a «Arcadia» de Sanuazaro, e logo—naturalmente—a «Menina e Moça», de Bernardim, obra de transição na literatura portuguesa.

«A Diana», de Jorge de Montemor, e, a seguir, na mesma inoportunidade ou desvio da primeira parte a ressurreição de «A Diana», trabalhada por Lopes Vieira.

Acaba com a «Arcadia» de Filipe Sidney: «The Countess of Pembrokes Arcadia» (ultima decada do seculo XVI). A intrusão justificada de Sidney não está bem dentro do plano das hegemonias. Mas passa.

Finalmente a terceira parte, romances realistas e de costumes—interessantissimas paginas—dá o papel da Italia e da Espanha; aquele com Boccacio, muito da predilecção do autor (renascimento e «Decamerone»), e imitações, e este com «El Conde de Lucanor», de D. João Manuel, «Carcere de Amor», de Diogo de São Pedro, anatematizado pelo Santo Oficio, «A Celestina», de Fernando Rojas, e logo o famoso «Lazadillo de Tormes», de desconhecido autor, e «Guzman de Alfarache», do sevilhano Mateo Aleman.

Escapou ao autor uma referencia desenvolvida e merecida, á anonima «Cuestion de amor», novela de rudimentar sentido historico, um pouco social (1508-1512), em bom espanhol (veja-se Juan de Valdés), com pitoresca descrição dos costumes espanhois.

E' esta em sintese a divisão das materias das três partes do volume, e devemos salientar que, dentro do plano estabelecido—embora, como dizemos, nos pareça irregular ou precariamente ordenada—a leitura fornecida satisfaz em absoluto quem por estes assuntos curiosos, sugestivos, formosos mesmo, tenha um acendrado gosto, ou uma indole predisposta.

Reputamos um serviço prestado ás letras, ou antes: aos estudos literarios, a publicação deste volume do dr. Alberto Xavier.

Seria verdadeira injustiça deixar cair esta obra no vacuo, apenas porque, ante a vastidão panoramica do romance europeu em mais de três seculos, o volume se dispersa em capitulos soltos, ou qualquer definição ou a sistematização do autor não recolhe unanime consenso.

Acusa esta meritoria obra uma inteligencia dedutiva invulgar, uma intuição, porventura tardiamente explorada, uma argucia critica que ficaria bem na bagagem de um professor de literatura.

Em qualquer boa estante se recomenda «O Romance», com o primeiro volume aparecido, que honra o seu autor, quaisquer que sejam, justas ou suspeitas, as observações que lhe haja a fazer, a discrepancias de conceito, a anotação de insuficiencias, ou mesmo o empastado da materia.

Edição Ferin, rua Nova do Almada, Lisboa.

NORBERTO DE ARAUJO

Uma criança que não soube ser rei

(Continuação da 1.ª pagina)

aprovação. Por isso, é bem significativo o episodio que refere o P.e José Pereira Baião, no *Portugal cuidadoso e lastimado*. Acabada a lição, entrou na sala o marquês de Vila Real, D. Miguel de Meneses. Como modelo da letra, passou-lhe o mestre um papel, onde D. Sebastião escrevera *que, em sendo grande, havia de hir conquistar a Africa. A letra boa está* — observou o marquês; *mas o que nella se diz, não será... sem V. Alteza nos deixar seis ou sete filhos machos.* Quer fôsse copia, quer redacção espontanea do discipulo, o aio e os professores tanto concordavam com o pensamento ali expresso, que até o mostravam a estranhos. Assim era educado D. Sebastião, adestrado tambem, desde criança, nas artes e manhas de bom caçador e cavaleiro; e cedo começou a correr canas e touros, a jogar lanças, a montear porcos bracos. Aos onze anos, matou o primeiro, na tapada de Almeirim.

Sob outro aspecto deve ser ainda encarada a educação do rei. A escolha do mestre e dos seus auxiliares, em que tanto se empenhara o cardial-infante, obedeceu principalmente ao desejo de dar a D. Sebastião que mo instruísse, como escreve tambem o P.e Baião, «naquellas doutrinas de que necessitava a Igreja, em tam calamitosos tempos de heresias». A Companhia de Jesus, como Ordem militante para a defesa do catolicismo, melhor poderia isolar o seu pupilo de todas as influencias heterodoxas; e foram preferidos jesuitas portugueses, não só para justificar a rejeição dos mestres espanhois, propostos por D. Catarina, mas por ser D. Henrique nitidamente adverso á influencia de Castela na politica nacional.

O P.e Luiz Gonçalves da Camara era um crente. Instruir D. Sebastião na doutrina catolica, aferverá-lo no cumprimento dos preceitos da Igreja, foi desde principio o seu proposito; e D. Sebastião não se tornou apenas devoto, *sahio* — no dizer da *Chronica* de D. Manuel de Meneses — *muy abeatado*. Nem isto causava estranheza numa côrte que, na expressiva frase do P.e Baltazar Teles, cronista da Companhia, já em tempo do avô «mais parecia escholà de religiosos observantes, que paço de cortesãos seculares». Ouvia missa diariamente, e duas aos sabados, em louvor de Nossa Senhora; muitas vezes, ele proprio servia de acólito ao celebrante. Comungava, no seu oratorio, todas as semanas, e em publico pelas festas maiores. Quando encontrava o Viatico, acompanhava-o sempre, até ser recolhido no sacrario; e o Paço da Ribeira desgostava-o, por ficar distante de igrejas paroquiais, e não ter assim ocasião de ouvir frequentemente a campainha, para seguir no acompanhamento. Aos nove anos já quere jejuar a quaresma; com dificuldade conseguem dissuadi-lo. Num missal, que ofereceu aos Padres da Companhia, escreveu estas palavras: *Padres, rogay a Deos que me faça muyto casto, e muyto zeloso de dilatar sua sancta fé, por todas as partes do mundo*». Desde criança, que considerava um gostoso dever o assistir aos autos do Santo Oficio. Quando principiava a estudar latim, encontraram no livro dum fidalgo moço, que era discipulo do P.e Gaspar Mauricio, certas folhas de autor proibido. Trouxeram, pressurosamente, uma vela para as queimar. Mas D. Sebastião adiantou-se, dizendo: *esse oficio quero eu fazer por minha mão*. E rasgando as folhas, chegou-as á chama, á guisa de auto de fé. Um dia, na Casa Professa de S. Roque, depois de comungar, ficou rezando diante dum crucifixo, absorto e extatico, como enlevado num alto pensamento; e grossas lagrimas lhe corriam pelas faces. *O que tinha?* — interrogou o aio. *Estava pedindo a Deos, que assim como a outros principes havia concedido victorias, imperios e monarchias, lhe concedesse a elle somente o ser seu Capitão*. Aos treze anos, no mosteiro da Madre de Deus, em Xabregas, durante a profissão de D. Maria de Meneses, preguntou-lhe a antiga dama da raínha D. Catarina o que queria, em dia tão solene, que ela pedisse a seu Divino Esposo. *Pedi-lhe que me faça seu Capitão* — respondeu o rei. Era uma idéa fixa, que se foi pouco a pouco transformando na orgulhosa convicção de estar predestinado para grandes cousas.

PANORAMA LITERARIO PORTUGUES

Manuel Anselmo

afirma que Portugal possui alguns dos grandes poetas de todos os tempos

Manuel Anselmo revelou-se no chamado movimento de Renovação Democratica. Foi ai que o seu espirito apaixonado pelos debates largos das idéas e dos ideais, marcou a sua primeira projecção intelectual. Depois desviou-se, orientando-se noutras latitudes de pensamento. Podemo-lo considerar hoje um dos esteios mentais do Estado Novo. A sua ultima conferencia foi a confirmação dessa atitude. Analisando-o, sómente — e isto é o que aqui nos interessa — sob o ponto de vista intelectual devemos dizer que Manuel Anselmo é um valor positivo.

Os seus trabalhos de critica, tentam o leitor inteligente. Dão-lhe um alimento sério de cultura, sem toxinas de parcialismo. Não são restritos. Integrando-se nas modernas correntes da analise literaria, as suas unidades, na soma dos casos e temas observados, vêm de todas as zonas, de todos os campos.

Neste inquerito, Manuel Anselmo, responde através da sua atitude politica. Em pleno á vontade o deixamos nesta tribuna livre de opiniões.

—Quais são as caracteristicas da actual literatura portuguesa?

—O fenomeno literario português acusa notaveis qualidades. A mais importante, sem duvida, é o seu espiritualismo, quasi unanime nos nossos escritores. Depois do seculo dezanove, passada a especulação literaria dos casos patologicos dentro da qual apenas Dostoiewsky conseguiu triunfar, o nosso tempo significa, artisticamente, uma «révanche» a esse espirito. Em Portugal repudiou-se, já essa obstinação «realista» pela qual os artistas se esqueciam, muitas vezes, de controlar a realidade. Caminha-se, hoje, num sentido francamente etico. O escritor, como todo o artista, é o intérprete de uma civilização intelectual, disciplinadora e criadora. Exemplos? Lembro, dos vivos, Joaquim Manso, Fidelino de Figueiredo, Alfredo Pimenta, Alfredo Cortez, Antonio Sergio, Hipolito Raposo, Raul Proença. Lembro ainda, como exemplo supremo, o «caso» literario do escritor Oliveira Salazar, sem duvida depois de Manuel Bernardes, o prosador mais completo e mais culto da nossa historia literaria.

—Em que consiste esse espiritualismo?

—Na renuncia do artista á real reprodução dã vida. O que distingue o escritor é a sua concepção de vida, e não a sua observação. Neste sentido, mais valem, para mim, uma Helen Grace Carlisle ou uma Katerine Mansfield, exemplos da atitude *emocional* do romance contemporaneo, do que um André Gide, uma Radcliffe Hall, um D. H. Lawrence, ou um James Joyce,—que nos dão, através da sua inquietação, figuras literarias sem vida moral. Foi, de acôrdo com isto, que saudei, com todo o entusiasmo, no meu livro «Soluções criticas», a obra ignorada, autenticamente ignorada, do poeta Sebastião Pereira da Cunha, cujo espirito religioso é digno de um Mistral ou de um Claudel.

—Qual é actualmente, o genero literario que, entre nós, acusa maior interesse?

—A poesia, sem duvida. Portugal pode orgulhar-se de possuir, hoje em dia, alguns dos seus grandes poetas de todos os tempos. Esses são Fernando Pessoa, José Regio e Fernanda de Castro. Além destes, outros, Antonio Botto, como Teixeira de Pascoais, Mario Beirão em planos diferentes, e Antonio Correia de Oliveira, marcam brilhantemente uma epoca de renascimento lirico. Adolfo Casais Monteiro, a quem chamei um poeta critico, é, em Portugal, um exemplo vivo da chamada *poesie de la connaissance*, de que nos fala Paul Valéry, pouco do agrado da sensibilidade geral, mas, em contra-partida, do muito agrado da verdadeira inteligencia.

—E o romance?

—Acho-o, com toda a sinceridade, um genero em ocaso. Eça de Queiroz continua a ser infelizmente, o ultimo romancista português. Isto não obsta a que José Regio, João Gaspar Simões, Rodrigues Migueis e Joaquim Paço de Arcos nos tenham dado, já, a certeza inequivoca de grandes possibilidades. Não falo em Aquilino, o prosador por excelencia, porque ele é, apenas, um glorioso novelista. Esqueço tambem Ferreira de Castro porque, apesar das suas pretensões a romancista, ele vale sobretudo como um talentoso *reporter*.

—Qual é a sua opinião sobre a nossa literatura de ideias?

—Ela é, de uma maneira geral, a melhor possivel. Dentre os nossos ensaistas, teremos dificuldades em pronunciarmos sobre quais serão os autores que melhor a representam. Vitorino Nemesio? João Gaspar Simões?

MANUEL ANSELMO

Fernando de Campos? José Marinho? Correia da Costa? Adolfo Casais Monteiro? Santana Dionisio? Tantos eles são, e de tão fina estirpe, que é dificil preferir. Estes ensaistas, quasi todos da nova geração, afirmam, alem de brilho literario, uma rara curiosidade espiritual. Estou convencido de que pouquissimas juventudes estrangeiras poderão competir, com a nossa, em valores intelectuais. Isto, porem, não obsta a que, por dolorosa compensação, certos pseudo-ensaistas hajam logrado, entre os mediocres, um prestigio efemero, á custa de idéas surripiadas a alguns escritores, franceses, russos e alemães, mal conhecidos pelo publico português. Consola-me a idéa de que as nossas «élites» os desprezam...

—O que pensa acêrca do jornalismo dos nossos dias?

—Considero-o notavel, sem favor. Lastimo, apenas, que o chamado jornalismo profissional, autentico jornalismo de grilheta, tenha inutilizado evidentes vocações literarias. O *caso* Afonso de Bragança é um simbolo, e eloquente. Quantos profissionais das nossas redacções, presos a compromissos materiais, não abandonam, na dura luta pela vida, as suas probabilidades esteticas e emotivas? Alguns, felizmente, sairam vencedores. Lembro Artur Portela—um caso estranho de talento—Augusto Pinto, Armando Boaventura, Costa Brochado, os dois Norbertos, Jaime Brasil, Anibal Mendonça e tantos. Oxalá que, da parte dos poderes publicos, o Sindicato Nacional dos Jornalistas encontre ambiente propicio para poder patrocinar as exigencias morais, materiais e juridicas dos até á data, meros proletarios da pena. Lembremo-nos de que, do jornalismo profissional, surgiu esse grande artista formal, Antonio Ferro, cujo valor literario é, para mim, superior ao do proprio Giraudoux e de Ramon Gomez de la Serna.

UM LIVRO DE ARTE

O sonho grandioso de D. João V

pelo dr. Xavier da Costa

O sr. dr. Xavier de Costa deu-nos agora uma obra monumental sobre «As Belas Artes plasticas em Portugal durante o seculo XVIII». Com os seus notaveis conhecimentos e a sua maneira tão graciosa de animar as coisas esquecidas, o ilustre critico de arte, com nobresa de expressões e profundo conhecimento, faz nesta obra, á historia dum dos mais belos seculos de arte que teve Portugal. A edição é magistral, reproduzindo, em gravura perfeita algumas das melhores manifestações artisticas dessa época doirada e opulenta, que o dr. Xavier da Costa em paginas lucidas e definitivas consagra com o melhor da sua cultura artistica e da sua escrupulosa investigação. Com a devida venia. transcrevemos este pequeno e interessantissimo trecho.

Mas o sonho grandioso de Dom João V realizou-se com a edificação de Mafra, para cuja construção se apresentaram (1714) três projectos: o do abade Dom Felipe Juvara, o de Antonio Canevari e o de João Frederico Ludovice (Ludwing), que teve a preferencia. Juvara, arquitecto de nomeada, natural de Messina, tambem fez em Lisboa os desenhos e orçamento para uma ostentosa igreja patriarcal, que não teve execução, e foi morrer a Madrid, em 1735, começando lá o grande palácio real. Canevari, hábil arquitecto romano, construiu em Lisboa a celebre torre do Relogio junto ao Paço da Ribeira, que desapareceu no terremoto de 1755, e colaborou nos inicios das obras das Aguas Livres. Ludovice, alemão italianizado em Roma, vindo para Portugal nos ultimos anos do seculo XVII e que era grande lavrante de metais, ainda se torna memorável pela capela-mor da igreja de São Domingos, que resistiu ao cataclismo, pela porta da Capela Real, que após este foi adaptada na dita igreja a quando da sua reconstrução, pela esplendorosa capela-mor da Sé de Evora, terminada em 1746, e ainda por outros trabalhos entre os quais se contam os seus proprios palacios em Lisboa e em Benfica, adornado o ultimo por uma formosa capela. Completando as obras monumentais de Ludovice, um escultor italiano, para cá vindo tambem, João Antonio de Pádua, executou as estatuas para as duas capelas-mores citadas, havendo em 1743 esculpido a imagem de São João Nepomuceno, que esteve colocada na ponte de Alcantara e actualmente se guarda mutilada no museu da Associação dos Arqueólogos.

Todavia não foi só a edificação de Mafra que ennobreceu o reinado do Magnanimo.. Foi a grandiosa obra das Aguas Livres (1731), projecto e execução sucessivamente de Antonio Canevari e de José da Silva Pais, de Manuel da Maia e de Custodio Vieira, o primeiro já citado como notavel arquitecto romano, vindo a Lisboa, os outros arquitectos e engenheiros em que depois interfere, como em muitas outras, o hungaro ou francês Carlos Mardel, que veio para Portugal em 1733, aqui se fixou definitivamente e foi o autor do lindo chafariz da Esperança, na capital, do palacio do marquês de Pombal, em Oeiras, e do projecto para a reconstrução do colegio de São Paulo, em Coimbra. Foram as sumptuosas obras da patriarcal, erecta na Capela Real do Paço da Ribeira, que dão ensejo á actividade de artistas pintores como André Gonçalves e Francisco Vieira de Matos. Foram em Coimbra a monumental e formosa Biblioteca (1716-1725) e a torre da Universidade (1728-1733), cujos projectos não será injustificado atribuirem-se tambem a Ludovice.

O movimento construtivo estende-se pelo reino todo. No Porto ergueu-se o templo dos Clérigos (1732) com a sua alterosa torre sineira (1748-1763), risco e execução do arquitecto toscano Nicolau Nazoni, que depois dirige importantes obras de reconstrução na Sé duriense e na de Lamego, renova (1749-1755) a igreja da Misericordia (menos a capela-mor, que ficou a já existente), levanta o palacio com jardins da quinta do Freixo, a casa dasa da quinta da Prelada, e exerce, pela sua competencia e actividade, profunda influencia na arquitectura do norte do país. Com essa orientação é feita em 1756 a igreja dos Terceiros do Carmo, projecto e obra do português José de Figueiredo Seixas.

Mafra, porém, era a escola — oficina principal de todas as belas-artes no sul do país, vincando a sua acção no restante do século XVIII. Ludovice originou os arquitectos proficientes que vão aparecer na época pombalina. Mas com a ostentosa e riquissima capela de São João Baptista, a erigir na igreja de São Roque e vinda para Portugal em 1746, veio um notavel artista romano, discipulo de Consa e Maini, que exerceu nas artes portuguesas essencial predominio. Foi ele Alexandre Giusti, o qual, havendo ido para Mafra em 1753, aí manteve uma escola de modelação e de escultura, que persistiu até 1770, quando em Lisboa se começou a tratar da estatua equestre de el-rei Dom José I.

Como discipulos, logo no começo da escola, e depois ajudantes de Alexandre Giusti, em Mafra, contam-se Antonio Pecoraro, cunhado do mestre, que mais tarde abandonou a profissão, dedicando-se á musica; Salvador Franco, que no fim de doze ou treze anos de aplicação foi despedido da aula e fez-se engenheiro; Roberto Luiz da Silva, Lourenço Lopes, Alexandre Gomes e José Joaquim Leitão. Em 1756 entraram João José Elveni, de origem alemã mas nascido em Lisboa, Brás Toscano de Melo, Francisco Leal Garcia e Joaquim Machado de Castro; este ido da capital, não como aluno, mas já como ajudante-modelador. Em 1765 entrou Joaquim Antonio de Macedo; em 1766 João da Silva Pevides; em 1767 José Patricio, que ulteriormente se fez frade cruzio; e nalgum dos ultimos anos apontados, Silverio Martins.

A saida para Lisboa de Joaquim Machado de Castro, por motivo da estatua equestre a levantar, criou na capital outra escola dirigida por este escultor, que tomou grande incremento e teve longa duração. A cegueira de Giusti fez que, de 1773 em diante, a escola de Mafra decaisse. Apesar de tudo, as obras continuaram a ser um centro de produção de artistas, absorvendo o trabalho dos que ficavam e eram indispensaveis para a continuação da traça do edificio, ao passo que outros de fora iam para o mesmo fim. Por muito tempo lá esteve a trabalhar o pintor Vieira Lusitano.

Antes de sair de Mafra, fizera Giusti, em Lisboa, o busto de Dom João V destinado á livraria das Necessidades e quatro belas estatuas de santos para a capela do mesmo palacio. As outras são de José de Almeida, seu émulo desde Roma, falecido em 1769, que tambem executou diversas imagens em madeira, espalhadas por varios locais e as estatuas em mármore da capela do palacio da Bemposta. Mas estas, havendo ficado por acabar, foram concluidas, já no seculo XIX em 1813, pelo escultor Joaquim José de Barros Laborão, que havia substituido Giusti em Mafra e foi autor do vistoso frontão da referida capela e de outras obras, especialmente de algumas destinadas ao palacio da Ajuda. Além de Barros Laborão, foram discipulos de José de Almeida e seus ajudantes Antonio Machado, a quem farei maior referencia, Francisco Antonio e Francisco Xavier, havendo sido Joaquim Machado de Castro tambem seu discipulo e trabalhado debaixo da sua direcção antes de ir para Mafra.

O CAFÉ-«CHIC» serve optimos bifes e explendido café á chavena.

PANORAMA INTERNACIONAL

As "Memorias„ de Lloyd George

O seu segundo volume, agora aparecido em edição de Fayard, oferece um incontestavel interesse, sobretudo se o compararmos com o primeiro, onde alguns capitulos são dedicados a minucias de ordem tecnica e ao esforço, importante sem duvida mas de sentido restrito, que o autor desenvolveu no ministerio das munições.

Depois desse preambulo necessario, o celebre politico entra na materia que mais pode interessar ao seu espirito: a da justificação duma atitude que teve sempre defensores entusiasticos e sistematicos detractores.

Diga-se, em abono da verdade, que a fama de irreverencia, que inalteravelmente acompanhou a carreira de Lloyd George, só encontra motivo para se confirmar nesta sua nova modalidade de memorialista de tomo. E o escritor, que já se notabilizara em artigos famosos da Imprensa diaria, reune novos motivos de louvor e aplauso.

Lloyd George, nas suas «Memorias», como na actividade que exuberantemente desenvolveu na oposição e em postos de comando, é um homem de acção. Acção porventura exaltada, ás vezes; mas a que não falta nunca aquele grão de superioridade que marca os homens verdadeiramente talentosos.

As suas ironias espalham-se, com abundancia e noção das proporções, através as quinhentas paginas deste volume que ficará valendo, sobretudo, pelo desassombro e pela veemencia. Ao mesmo tempo, desprende-se dessas paginas o ritmo duma energia feroz posta ao serviço da causa da patria, que Lloyd George, em determinado momento, encarnou superiormente.

Os simples amadores do assunto e da forma literaria encontrarão tambem no segundo volume das «Memorias» alguns capitulos preciosos. Valem neles, como prova de superior aptidão para a composição escrita e de merito de observador e de psicologo, alguns retratos de contemporaneos e homens ilustres que, nesse periodo sombrio da historia da humanidade, tiveram papeis destacantes.

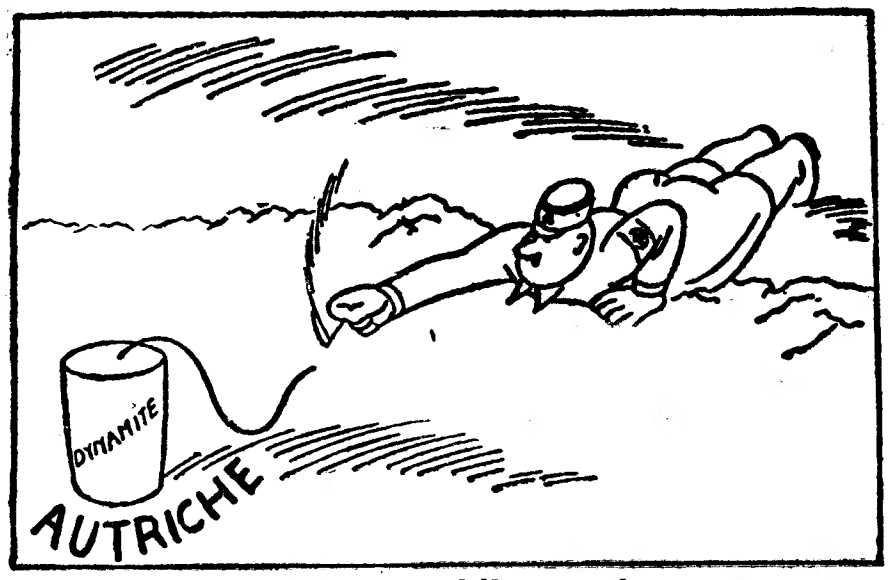
A figura de Kitchener, enigmatica, estranha, reservada, merece um capitulo saboroso, em que a descrição patriotica do celebre general britanico não consegue esconder os episodios da sua vida oficial que o revelam sob um prisma mais verdadeiro e mais humano. Notavel tambem a descrição de Sir Wiliam Robertson, o chefe do Estado Maior General, cuja capacidade administrativa, muito superior aos merecimentos no campo da batalha, lhe deu o verdadeiro comando das forças que se batiam, em nome do imperio britanico, por varias paragens do mundo.

Os anos de 1915 e 1916 viram desenvolver-se, no tablado da politica interna da Grã-Bretanha, episodios dolorosos em que os homens nem sempre conseguiram dominar os acontecimentos e, sobretudo, dominar-se a si proprios. Crises ministeriais, mais ou menos agudas, dissenções no seio dos partidos que detinham o poder, inimizades, ambições e duvidas, de tudo isso houve um pouco nos anos que iam sendo fatais para a causa dos aliados.

O reflexo dessa agitação interna, na marcha das operações e no moral das nações que se encontravam empenhadas na luta, deve considerar-se enorme. Que um estadista com o passado e os sentimentos de Lansdowne tenha, em certa altura, advogado a causa duma paz prematura que representaria praticamente o triunfo do imperialismo prussiano, eis o que constitui ainda hoje, motivo justificado de espanto. A Lloyd George cabe, sem duvida, o merecimento de ter sustentado nas suas mãos o leme que devia conduzir a Grã-Bretanha ao cumprimento exacto da sua missão social e da sua tradição historica.

O segundo volume das «Memorias» a que nos estamos referindo tem ainda um indiscutivel valor de actualidade, na parte em que o seu autor descreve, com larga soma de pormenores e argumentos, o papel desempenhado pelos dois estadistas que hoje, oficialmente pelo menos, dirigem a politica externa da Grã-Bretanha: Ramsay MacDonald e John Simon. Ambos provocaram cisões fundas nos partidos em que militavam, o trabalhista e o liberal, para entravarem, primeiro a intervenção inglesa, e depois a vitoria pela continuação da guerra. A um e a outro não poupa Lloyd George que, sob o ponto de vista historico, prestou assim um serviço valioso que lhe ficarão devendo, não apenas os amadores da investigação, mas todos os que seguem atentamente a evolução da politica internacional.

O ANSCHLUSS...



Inimigo publico n.º 1
(Do *Guerin Meschino*)

Georges Duhamel

Georges Duhamel tem o culto da familia. As virtudes da pequena burguesia, que ele admiravelmente tem interpretado, constituem a feição essencial do feitio e do caracter do conhecido escritor. A popularidade de que ele gosa na sua patria deriva, em grande parte, dessa identidade sintomatica existente entre o artista e o meio em que exerce a sua acção. A instituição familiar, com os seus encantos e a sua serenidade inigualavel, encontra-se na base de toda a actividade deste artista cuja obra aparece toda dominada por um sentimento tão vivo de simpatia humana e de solidariedade social.

No meio das mais diversas e opostas tendencias filosoficas e esteticas, o fundamento moral que anima os escritos de Duhamel constitui um sintoma consolador. As virtudes intrinsecas da sociedade burguesa, e sobretudo da sociedade pequena burguesa, tantas vezes atacadas e outras tantas desconhecidas, encontram nele um panegirista e um exemplo que deve ser invocado para honra dos seus contemporaneos e dos seus concidadãos.

A Pequena historia

Com a morte de Lenôtre desapareceu o fundador e o animador da chamada pequena historia. O que é, efectivamente, esta modalidade intelectual que, durante os ultimos anos, tantas pessoas tem interessado e até apaixonado? Os factos tantas vezes considerados insignificantes, as personagens tantas vezes tidas como secundarias condicionam, por vezes, os grandes acontecimentos. Aproveitar esses factos e esses personagens, dramatizando á sua volta as terras em que intervieram, eis a grande habilidade de Lenôtre que assim conseguiu realizar algumas obras notaveis no genero que iniciou. Entre estas vale a pena citar «O drada de Varennes», «Os massacres de Setembro», «O tribunal revolucionario».

O ideal romanesco que existia em muitos dos seus contemporaneos conseguiu Lenôtre satisfazê-lo á força de imaginação. Mas o fundo dos seus trabalhos revelam sempre o historiador consciencioso e prôbo que estudava com amor as fontes onde ia buscar a essencia das suas narrativas. Sob esse ponto de vista, pode dizer-se que a sua maneira se opõe de alguma forma á de Michelet, que a gerações modernas sacrificaram.

Lenôtre é geralmente considerado o escritor que deu origem ás biografias romanceadas, genero literario que tanto exito alcançou e ao qual se vêm dedicando alguns homens de letras de segura reputação.

Tele-comedia

No prefacio da sua tele-comedia «Todos los ruidos de aquel dia» diz Tomás Borrás que Lope de Vega, antena sensivel ao futuro, anunciou a radiofonia, fazendo exclamar a um seu personagem:

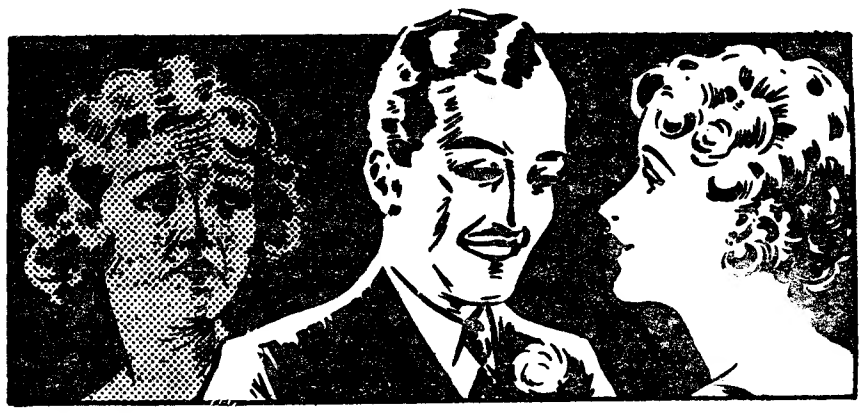
—«Con la rapidez del rayo
las noticias han venido;
quien sabe si con el tiempo
vendran con el rayo mismo!»

Realmente, ha um motivo mais para festejar Lope de Vega—o da sua visão da radiofonia. E pêna foi que entre a sua obra não deixasse algumas tele-comedias que todo o mundo pudesse ouvir no seu proximo centenario.

PARADOXO

Ou a dança franco-russa para o pacto Oriental
(Do *Kladderadatsch*)

AMBAS O QUERIAM



MAS SÓ UMA POUDE TRIUNFAR

Ele escolheu a mulher cuja pele era branca, suave e aveludada—o genero de pele que todos os homens amam e admiram. Toda a mulher pode actualmente embranquecer, suavisar e embelezar, facilmente a sua pele, fazendo simplesmente uso todos os dias, do Creme Tokalon, alimento para a pele, côr branca (não gorduroso). Este creme contem actualmente creme fresco e azeite predigeridos combinados com ingredientes que embranquecem e tonificam. Penetra instantaneamente, acalma a irritação das glandulas da pele, fecha os poros dilatados, dissolve os pontos negros a tal ponto que desaparecem, embranquece e suavisa a pele mais escura e seca. Mantem fesca e numa ligeira humidade, mas isenta de gordura, a epiderme mais ressequida. Convem igualmente a uma pele oleosa.

O creme Tokalon, Alimento para a pele (côr branca) dá em 3 dias á pele uma beleza e frescura novas e indiscritiveis e isto de uma maneira impossivel de obter de outro modo. Deve usar-se todas as manhãs. Se a vossa pele está cheia de rugas e envelhecida V. deve tambem empregar o Creme Tokalon, Alimento para a pele (côr de rosa) á noite antes de se deitar.

Aumenta e rejuvenesce a vossa pele durante o vosso sono.

Procurar os Cremes Tokalon nas perfumarias, não encontrando pode dirigir-se á Agencia Tokalon em Lisboa, Rua da Assunção, 88, 2.º que atende na volta do correio.